

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**Influência da vinculação ao pai e à mãe nas motivações dos
adolescentes para iniciar ou manter relações românticas**

Ana Filipa Barbeito Sousa

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitivo –
Comportamental e Integrativa)**

2010

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA**



**Influência da vinculação ao pai e à mãe nas motivações dos
adolescentes para iniciar ou manter relações românticas**

Ana Filipa Barbeito Sousa

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitivo –
Comportamental e Integrativa)**

Dissertação orientada pelo Prof. Doutor João Manuel Moreira

2010

Resumo

A presente investigação pretende avaliar a influência das relações de vinculação com as principais figuras da infância, nas motivações de adolescentes, na iniciação e/ou manutenção de relações românticas. Colocou-se as hipóteses de que, uma relação segura aos progenitores contribuiria para que os adolescentes nomeassem ganhos que beneficiem a relação romântica e evitariam custos que prejudicassem a relação, enquanto uma relação insegura aos progenitores contribuiria para que nomeassem ganhos que beneficiem a si mesmos e evitariam custos que os prejudicassem. Procurou-se também testar se as dinâmicas de transferência das funções de vinculação das principais figuras de vinculação da infância, para as figuras extra-familiares da adolescência (pares e parceiro romântico), ocorrem segundo o proposto na literatura. Hipotizou-se ainda que uma vinculação segura ao pai (que contribui para a abertura da criança ao mundo social), estaria associada a uma maior transferência do componente procura de proximidade, e que uma vinculação segura à mãe (que promove a formação de completas relações de vinculação) estaria associada a uma maior transferência do componente base segura.

Os instrumentos utilizados na condução deste estudo empírico foram, um Questionário do Índice de Transferência de Componentes de Vinculação (QITCV), o Questionário sobre o Relacionamento com os Pais e com os Amigos (IPPA) e o Questionário sobre Relações: Benefícios/Ganhos e Perdas/Riscos (QR).

Os resultados revelaram que para as raparigas, a relação com os progenitores apenas influencia a importância dada à vulnerabilidade nas relações românticas, enquanto para os rapazes, apenas a relação com a mãe influencia a importância dada aos ganhos e apoio emocionais. As funções de vinculação são transferidas numa ordem diferente à proposta (procura de proximidade, base segura, porto de abrigo e protesto de separação), e a segurança na relação a cada um dos progenitores não se encontra associada a uma maior transferência dos componentes de vinculação iniciais e finais.

Palavras Chave: Vinculação à mãe, vinculação ao pai, transferência, adolescentes, trocas sociais, motivação

Abstract

This investigation's aim is to assess the influence of attachment relationship with the principal figures of infancy in the motivations of adolescents, to initiate and/or maintain romantic relationships. We put the hypothesis that a secure relationship to parents would contribute for the adolescents to nominate gains that benefit the romantic relationship and avoid costs that prejudice the relationship, while an insecure relationship to parents would contribute for them to nominate gains that benefit themselves and avoid costs that would prejudice themselves. We also wanted to test if the dynamics of transference of attachment functions from primary attachment figures to peers and romantic partner occur according to the literature. Another hypothesis was that a secure attachment to the father (that contribute to the opening of the child to the social world), would be associated to a larger transference of proximity seeking and that a secure attachment to the mother (that promote the formation of full attachment relationships) would be associated to a major transference of secure base.

The instruments used in this study were, a Questionnaire of the degree of transference of attachment components, an Inventory of Parent and Pair Attachment (IPPA) and a Questionnaire about romantic relationships: gains/benefits and costs/risks.

The results reveal that for girls, the relationships with primary attachment figures only influence the importance given to the romantic relationships vulnerability, while for the boys only the relationship with the mother influence the importance given to emotional gains and emotional support. The attachment functions are transferred in a different order to the proposal (proximity seeking, secure base, haven of safety and separation distress), and the attachment security to each parent isn't associated to a larger transference of the initial and final attachment components.

Keywords: attachment to mother, attachment to father, transfer, adolescence, social exchanges, motivation

Índice

1. Introdução

1.1 A vinculação

1.1.1 Modelos internos de trabalho

1.1.2 Contribuição de Ainsworth

1.1.3 Componentes de vinculação

1.1.4 Hierarquias da vinculação

1.1.5 Diferenças na interacção com o pai e com a mãe

1.1.6 A vinculação na adolescência

1.2 A teoria das trocas sociais

1.3 Objectivos e Hipóteses

2. Metodologia

2.1 Participantes

2.2 Medidas

2.3 Procedimento

3. Resultados

4. Discussão e Conclusão

5. Referências Bibliográficas

Agradecimentos

Gostaria antes de mais de agradecer ao Prof. Doutor João Moreira, orientador desta dissertação, pela sua disponibilidade.

Queria também agradecer à Secretaria Regional de Educação – Madeira e às escolas, Básica e Secundária Gonçalves Zarco, Secundária Jaime Moniz e Básica de Santo António por terem possibilitado a recolha de dados para este estudo.

A todos os alunos, das escolas acima referidas, e a todos os restantes jovens que participaram neste estudo.

À minha família que me apoiou ao longo de todo o processo de elaboração desta tese.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram e incentivaram a seguir em frente e me fizeram sorrir nos momentos mais difíceis, mesmo que à distância.

À minha psicóloga que me fez acreditar que era capaz.

1. Introdução

O ser humano procura estabelecer uma relação única com uma figura exclusiva, que, à partida, lhe confere segurança e protecção, e lhe presta cuidados desde os seus primeiros momentos de vida. A vinculação, acompanha o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, influenciando-o a diversos níveis, nomeadamente na forma como pensa, se comporta e relaciona com os outros (Bowlby, 2002).

A adolescência marca uma das fases mais dinâmica do processo de vinculação, onde as funções até então dirigidas aos principais prestadores de cuidados serão transferidas para figuras extra-familiares, nomeadamente os pares e parceiros românticos (Hazan & Zeifman, 1994, 2008; Fraley & Davis, 1997; Friedlmeier & Granqvist, 2006). A importância que o indivíduo atribuirá a estas relações e o que considerará mais importante nestas, será influenciado pelas relações precoces estabelecidas com as principais figuras de vinculação, bem como pelas crenças e valores transmitidos por essas figuras e pela sociedade em que se desenvolveu. Os relacionamentos românticos, tal como outros tipos de relacionamentos, envolvem a troca de recompensas e de custos entre ambos os participantes na relação, contribuindo desse modo para o equilíbrio da mesma (Sedikides, Oliver, & Campbell, 1994; Laursen, 1996; Laursen & Jensen-Campbell, 1999).

Neste sentido, a presente investigação tem por objectivo perceber qual a influência da relação dos adolescentes com cada um dos seus progenitores, ao nível dos ganhos/benefícios e perdas/riscos percebidos por estes como mais importantes para a iniciação e/ou manutenção de uma relação romântica. A pertinência desta investigação incide então sobre a exploração das motivações dos adolescentes para iniciar e/ou manter relações românticas, ou seja, o que consideram ser as vantagens e desvantagens de estar envolvido num relacionamento romântico.

A construção do conhecimento considerado relevante para a compreensão do objectivo definido tem um roteiro de estudo organizado em três capítulos. Assim, no: Capítulo I (Introdução): caracteriza-se a vinculação, nomeadamente, ao nível dos modelos internos de trabalho, componentes e hierarquias, diferenças na interacção dos adolescentes com a figura materna e paterna, a vinculação na adolescência e a avaliação da vinculação. O capítulo finaliza com uma abordagem sobre a teoria das trocas sociais e a apresentação dos objectivos e hipóteses do estudo; Capítulo II (Metodologia): incide sobre os participantes, as medidas e os procedimentos utilizados na elaboração do estudo; Capítulo III (Resultados Obtidos): apresenta os resultados obtidos com a investigação. Para finalizar, na conclusão/discussão

será feita uma análise reflexiva sobre os resultados obtidos e uma síntese integradora do estudo efectuado.

1.1 A vinculação

A vinculação designa a necessidade inata do ser humano em estabelecer uma relação de proximidade específica com outro desde os primeiros momentos de vida. Como, constructo psicológico, a vinculação possui uma incontornável capacidade explicativa do desenvolvimento e comportamento humano, assumindo um papel estruturante na formação e desenvolvimento do “eu”. O seu estudo contribuiu para a exploração de um terreno de enorme complexidade e de relevância clínica inquestionável (Bowlby, 2002; Soares, 2009).

Bowlby, fundador da teoria da vinculação, preocupou-se inicialmente em compreender e explicar os efeitos nocivos da separação e da perda da figura materna, tendo por isso iniciado estudos sobre a natureza e qualidade da vinculação mãe-bebé (Soares, 1996; Ainsworth & Bowlby, 1992). O seu interesse por esta área de estudo surgiu com o trabalho voluntário que efectuou numa escola residencial para crianças inadaptadas, onde constatou o papel significativo que a interacção dos pais com os filhos(as) tem no desenvolvimento da personalidade destes (Ainsworth & Bowlby, 1992).

Segundo a teoria psicanalítica (na época dominante como teoria explicativa desta temática), os laços afectivos estabelecidos entre mãe e bebé resultariam da satisfação das necessidades básicas deste último. Assim, a utilização da mãe pelo bebé, derivaria na satisfação oral e na descoberta do objecto facilitador de tal satisfação, o seio materno (Soares, 1996). No entanto, as hipóteses inovadoras de Bowlby desafiaram alguns destes princípios, levando-o a construir um quadro teórico alternativo, com base em conceitos da etologia, da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise (Bretherton, 1992; Soares, 2009). Verificou então, que independentemente da satisfação das necessidades alimentares, as crianças que ficavam longos períodos de tempo sem contacto com as suas mães manifestavam claros indícios de perturbação psicológica, como letargia emocional ou isolamento social (Soares, 1996; Soares, 2009). Também os estudos de Harlow sobre etologia animal, com macacos “rhesus”, contribuíram para enaltecer a importância do contacto com a figura prestadora de cuidados, servindo como base segura a partir do qual o bebé pode explorar o meio e como refúgio em situações de perigo ou de stress. Tais observações tornaram evidente a importância do conforto físico no desenvolvimento das relações sociais precoces (Soares, 1996; Ainsworth & Bowlby, 1992).

Bowlby propôs que o processo de vinculação de um bebé à figura de vinculação ocorre através de um conjunto de comportamentos de base biológica que atingem a sua maturação em diferentes momentos, que vão desde o nascimento até vários meses depois, centrando-se no principal prestador de cuidados, normalmente a mãe. Tal conjunto é constituído por um certo número de sistemas comportamentais característicos da espécie, inicialmente relativamente independentes uns dos outros, emergindo em tempos diferentes e tornando-se organizados e orientados em relação à mãe, auxiliando na ligação da criança a esta figura. Destes sistemas comportamentais, Bowlby descreveu cinco: chupar, agarrar, seguir, chorar e sorrir, que se tornam integrados e focados na mãe ao longo do primeiro ano de vida, formando assim a base do que designou *comportamentos de vinculação* (Ainsworth & Bowlby, 1992; Soares, 1996). Na sua perspectiva, a sobrevivência da espécie humana, não obstante a sua imaturidade e vulnerabilidade dos primeiros anos de vida, só pode ser compreendida se concebermos os bebés como sendo dotados destes sistemas relativamente estáveis, que têm por função protegê-los do perigo. Esta protecção passa pela possibilidade de o bebé, através destes comportamentos, manter ou estabelecer a proximidade com uma figura adulta (maternal) mais capaz de se confrontar com situações de perigo (Soares, 1996). O conteúdo de uma relação de vinculação está centrado na regulação da segurança, onde há uma figura (vinculada) que procura protecção e uma outra figura (de vinculação), concebida como sendo mais forte e mais capaz para se confrontar com o mundo, proporcionando segurança, conforto e/ou ajuda. Trata-se, assim, de uma relação assimétrica ou complementar (Soares, 1996).

Deste modo, o surgimento de perturbações durante o processo de vinculação, dependendo da sua função, natureza, gravidade e duração, afectará o indivíduo ao nível das emoções, cognições e comportamentos, em diferentes graus de intensidade, bem como ao nível de futuras relações sociais (Soares, 2009). Assim, para que o “desenvolvimento mental de um indivíduo ocorra de forma saudável, este deverá experimentar uma relação calorosa, íntima e estável com a mãe (ou figura materna substituta), na qual ambos experienciem satisfação e prazer” (Bowlby, 1951, citado por Bretherton, 1992).

1.1.1 Modelos internos de trabalho

Ao longo do primeiro ano de vida, nas repetidas interacções com as figuras prestadoras de cuidados, a criança constrói, de forma gradual, um conjunto de conhecimentos e expectativas, tanto ao nível da acessibilidade e responsividade destas figuras, como sobre si mesmas, ao nível do seu valor próprio e capacidade de influenciar os outros – modelos

internos de trabalho (Soares, 2009). Estes modelos encontram-se organizados em termos de representações internas sobre o eu, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações, tendo por função, permitir ao indivíduo tomar decisões relativas aos seus comportamentos em relação a uma determinada figura, antecipar o futuro e fazer planos, operando assim de forma mais eficiente. A organização interna do sistema de vinculação em relação à figura de vinculação pode assim, manter-se estável, em função do tempo e dos contextos, podendo variar os comportamentos específicos. Esta variabilidade comportamental a que a criança está exposta possibilita uma resposta mais flexível e eficaz às mudanças do ambiente, no alcance dos objectivos, por esta estabelecidos (Soares, 2009). Concebidos como modelos operacionais do próprio e da figura de vinculação, têm por base a história da relação conjunta, contribuindo para a regulação, interpretação e previsão do comportamento de vinculação, dos pensamentos e sentimentos tanto da figura de vinculação como do próprio indivíduo. Se revistos de forma apropriada, de acordo com o desenvolvimento e mudanças ambientais do indivíduo, proporcionam a reflexão e a comunicação acerca de situações e relações passadas e futuras, facilitando assim a criação de planos conjuntos de regulação de proximidade e de resolução de conflitos na relação. Além disso, um indivíduo que possa contar com a responsividade, apoio e protecção de uma figura de vinculação, é livre de dar total atenção a outras preocupações, tais como a exploração do meio e/ou interações sociais (Cassidy, 2008; Soares, 2009). Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, estes modelos tornar-se-ão cada vez mais sofisticados, generalizando-se para o seu mundo social (Bretherton & Munholland, 2008).

1.1.2 Contribuição de Ainsworth

Tal como Bowlby, Ainsworth ficou impressionada com as evidências sobre os efeitos adversos que a privação da interacção de bebés com a figura materna, por longos períodos de tempo, tem no seu desenvolvimento (Ainsworth & Bowlby, 1992). A partir das suas observações naturalistas de mães em interacção com os seus bebés, no Uganda e em Baltimore, constatou que a noção Freudiana que caracteriza a criança como passiva, recipiente e narcisista, própria da fase oral, não se verificava. Demonstrou-se por isso enternecida pela busca incessante das crianças por contacto com a mãe, quando se encontravam magoadas ou assustadas, quando a mãe saía do local onde se encontravam, mesmo que por breves momentos, ou quando se encontravam com fome (Ainsworth & Bowlby, 1992). Assim, juntamente com Wittig construiu um procedimento experimental, estandardizado em laboratório, a *situação estranha*, destinado ao estudo das diferenças

individuais na organização comportamental da vinculação, possibilitando assim a exploração criativa e empírica de algumas das questões teóricas formuladas por Bowlby (Ainsworth & Bowlby, 1992; Soares, 1996; Soares, 2009). Este método laboratorial é aplicável a crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 18 meses e pretende avaliar as diferenças individuais sobre a qualidade da interacção mãe-bebé (Bretherton, 1992). A utilização deste procedimento permitiu identificar três tipos de padrões de vinculação: (a) seguro, caracterizado pela procura de proximidade à figura de vinculação e pela manutenção de contacto com esta, sem demonstrar resistência na interacção, nem evitamento à mesma. Podendo exibir ou não, protestos à ausência desta; (b) evitante, caracterizado pela manifestação, por parte da criança, de comportamentos de evitação à figura de vinculação. Não demonstrando qualquer resistência activa ao contacto físico, nem protesto pela ausência da figura de vinculação; (c) ansioso-ambivalente, caracterizado pela manifestação concomitante de comportamentos, de resistência ao contacto com a figura de vinculação e de procura de proximidade à mesma. Podendo a procura de proximidade inibir ou dificultar a exploração do meio (Soares, 2009).

A vinculação como fenómeno que acompanha o indivíduo ao longo de todo o seu ciclo de vida influenciará de forma significativa, as relações em que este se envolver nas diferentes fases do seu desenvolvimento. Assim, a segurança nas relações estabelecidas nos primeiros anos de vida, com os progenitores ou seus substitutos, tenderão a manter um certo grau de estabilidade, ditando em certa medida as relações estabelecidas na adolescência e vida adulta. Contudo, as características e funções das relações de vinculação apresentam algumas diferenças consoante a fase de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra, nomeadamente, infância – adolescência ou vida adulta (Bowlby, 2002).

1.1.3 Componentes da vinculação

As relações de vinculação são definidas por quatro características: a manutenção de proximidade, o porto de abrigo, a angústia de separação e a base segura. O processo de vinculação inicia-se com a proximidade física entre a criança e a figura de vinculação, através de comportamentos intencionais por parte do prestador de cuidados e reflexos por parte da criança, por exemplo, do choro. Com o tempo, a criança aprende a associar o prestador de cuidados a conforto e segurança em momentos de angústia e a utilizá-lo como base segura a partir do qual pode explorar o meio em seu redor (Hazan & Zeifman, 1994; Bowlby, 2002; Zeifman & Hazan, 2008). Exibindo também, protestos de separação aquando do afastamento da figura de vinculação. Os dois últimos componentes (protesto de separação e base segura)

são considerados os verdadeiros marcadores de vinculação, ou seja, a emergência destes dois componentes é indicativa da formação de uma relação de vinculação completa. Estes componentes definidores da relação de vinculação não emergem simultaneamente, mas em sequência, ao longo do processo de desenvolvimento do indivíduo (Hazan & Zeifman, 1994; Zeifman & Hazan, 2008).

Poder-se-á assim dizer, que uma maior activação do sistema de vinculação, desencadeada pela separação da figura de vinculação, por fadiga, doença, ou ambiente estranho, contribuirá para a diminuição ou cessação da exploração, e à procura da figura de vinculação para obter protecção e conforto. Enquanto, pelo contrário, a baixa activação do sistema de vinculação, por conforto da criança que se encontra na presença da figura de vinculação, irá aumentar intensamente a exploração (Cassidy, 2008).

1.1.4 Hierarquias da vinculação

Nos seus primeiros escritos, Bowlby propôs que a criança desenvolve uma hierarquia das figuras de vinculação, sendo a mãe a principal figura prestadora de cuidados. Ainsworth, a partir das suas observações, verificou que quase todas as crianças vinculadas às mães (ou figura substituta) se vinculavam também a outra figura familiar, por exemplo, o pai, a avó, um irmão mais velho, ou outro adulto pertencente à família (Howes & Spieker, 2008). Contudo, apesar de a criança exibir comportamentos de vinculação para com diferentes figuras, não as trata de igual forma. Diferencia-as claramente e mantém uma preferência consistente pela principal figura de vinculação. Mesmo que diversas figuras estejam frequentemente disponíveis, a criança seguramente procura e mantém proximidade apenas com uma delas, especialmente quando está com fome, cansada, doente ou angustiada, manifestando comportamentos de protesto de separação mais intensos com esta figura e maior segurança na presença desta, quando em ambientes não familiares (Bowlby, 2002; Zeifman & Hazan, 2008).

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo são esperadas mudanças, na composição e estrutura das hierarquias de vinculação, podendo ser adicionadas novas figuras e outras abandonadas (Zeifman & Hazan, 2008). A interacção com diferentes figuras e consequentemente com diferentes padrões de comportamento social, contribuirá para o desenvolvimento de padrões de interacção social (Bowlby, 2002).

1.1.5 Diferenças na interacção com o pai e com a mãe

Até recentemente, nas sociedades ocidentais, os papéis desempenhados pelo pai e pela mãe eram completamente distintos. A mãe fornecia cuidado e carinho, enquanto o pai representava a autoridade e a disciplina (Paquette, 2004).

A partir dos anos 70, a massiva entrada da mulher no mercado do trabalho e as importantes mudanças sucedidas na estrutura familiar, vieram transformar os papéis parentais. Assim, por volta dos anos 90, a partilha de tarefas relativas à prestação de cuidados, em famílias constituídas por pai e mãe, tornou-se um hábito para diversas famílias de diferentes categorias sócio-económicas. Surge assim o novo pai prestador de cuidados, que apesar de continuar a aplicar a autoridade, garante em conjunto com a mãe, o apoio emocional, a monitorização e a disciplina dos filhos, bem como a brincadeira com os mesmos (Paquette, 2004). Contudo, o nível de participação do pai varia de acordo com a cultura, existindo culturas em que o pai proporciona muito pouco ou nenhum cuidado directo aos filhos, assumindo geralmente um importante papel como provedor, bem como diversas responsabilidades relacionadas com a adaptação da criança ao ambiente físico e social (Lamb, Frodi, Hwang, & Frodi, 1983; Paquette, 2004; Tamis-LeMonda, 2004).

O conceito de investimento paternal, introduzido pelos sociobiologistas é de grande interesse, pois inclui a noção de envolvimento paternal ou de interacção directa do pai com a criança (prestação de cuidados, proximidade, protecção, educação, alimentação, etc.), bem como contribuições mais indirectas (manutenção do lar, provisão de recursos, apoio sócio-emocional da mãe, etc.), que podem ter uma influência significativa na saúde e desenvolvimento da criança (Paquette, 2004; Tamis-LeMonda, 2004).

Numa perspectiva evolutiva e transcultural, a investigação ao nível da ecologia paternal descreveu algumas das principais diferenças entre as experiências que a criança tem com o pai e as que tem com a mãe. Na maior parte das culturas, as mães são consideradas as principais proporcionadoras dos cuidados físicos e de saúde da criança, enquanto o pai tem por principal função assegurar os recursos da família, tendo por isso um menor envolvimento na vida da criança. Todavia, quando desfruta de algum tempo com esta, os jogos e brincadeiras utilizados são o contexto de interacção de maior importância na relação entre ambos (Grossman, Grossman, Fremmer-Bombik, Kindler, Schenerer-Englisch, & Zimmermann, 2002).

Como transmissor cultural activo, o pai é visto como o elo de ligação entre a criança e o mundo exterior, providenciando-lhe conhecimento, conselhos e motivação, bem como novas experiências desafiadoras das suas competências (Grossman et al., 1983; Grossman et

al., 2002; Paquette, 2004). Nas interações deste com a criança, exibe essencialmente brincadeiras de índole mais física e de natureza idiossincrática, ou seja, tende a ser mais tátil e estimulante com a criança. Já as brincadeiras entre a mãe e a criança são normalmente de natureza visual, objectiva e incluem jogos convencionais (Clarke-Stewart, 1978; Paquette, 2004).

Aos olhos das crianças, as mães são vistas essencialmente como fonte de bem-estar e segurança, enquanto os pais são percebidos como principais companheiros de brincadeira, essencialmente pelos rapazes (Paquette, 2004). As diferentes intenções dos pais na interacção com os filhos, contribuem para o desenvolvimento da capacidade da criança em reconhecer e regular as emoções e/ou promover o seu sentido de auto-eficácia, o que por sua vez promoverá interacções mais positivas com os pares (Clarke-Stewart, 1978; Paquette, 2004).

Alguns estudos verificaram que os pais demonstram menor sensibilidade nos cuidados da criança, comparativamente às mães (Grossman et al., 2002). No entanto, a necessidade das crianças de ser estimuladas, puxadas e encorajadas a arriscar é considerada tão importante quanto a sua necessidade de estabilidade e segurança. Assim, o papel dos pais é o de providenciar maior suporte aos filhos(as) durante a exploração, enquanto as mães providenciam maior conforto em situações de perigo ou stress (Paquette, 2004).

Um envolvimento paternal positivo contribuirá assim, para uma melhor saúde mental na idade adulta, menos problemas comportamentais no fim da infância, atitudes mais positivas na escola durante a adolescência e aumento da realização económico-educacional na idade adulta (Grossman et al., 2002). Quando os progenitores se demonstram afectuosos e capazes de estabelecer regras e limites claros às crianças, contribuem também para o desenvolvimento da auto-confiança e da aquisição de responsabilidade, levando-as a tornar-se cooperativas com adultos e pares da mesma faixa etária, bem como a ter capacidades sociais e académicas em idade escolar. Os limites estabelecidos ajudam-nas a sentir-se seguras, desde que sejam moderados e não impeçam o desenvolvimento da sua autonomia (Paquette, 2004). Contrariamente, o controlo excessivo e a falta de consideração pelas necessidades das crianças, podem levar a que se tornem rebeldes e desafiem a autoridade (Paquette, 2004).

As observações efectuadas por Ainsworth no Uganda são comprovativas da competência dos pais como prestadores de cuidados, e da utilização destes, pelas crianças, como figuras de vinculação (Cassidy, 2008). Tornando-se uma figura de vinculação adicional durante os dois primeiros anos de vida da criança (Grossman, Grossman, Fremmer-Bombik, Kindler, Schenerer-Englisch, & Zimmermann, 2002; Cassidy, 2008; Lamb et al., 1983).

A investigação dá ênfase ao impacto que o pai tem no desenvolvimento psicossocial da criança sugerindo que a sua acessibilidade, compromisso, apoio, calor humano e proximidade são dimensões comportamentais determinantes para a relação com esta. Tal como Bowlby mencionou, o facto de o pai providenciar à criança encorajamento e uma base segura a partir do qual pode explorar o meio em seu redor, são duas das variáveis que influenciam a sua capacidade de formação de laços afectivos futuros (Grossman et al., 2002).

A teoria da vinculação vê a vinculação e a exploração como dois sistemas complementares, em que a vinculação assegura a proximidade entre a criança e as figuras de vinculação e consequente protecção, e a exploração assegura a aquisição de conhecimento acerca do meio e adaptação a variações no mesmo. De acordo com esta teoria, a abertura da criança ao mundo exterior encontra-se extremamente dependente da qualidade da vinculação (Paquette, 2004). Alguns estudos verificaram que as crianças com vinculação segura ao pai demonstravam um melhor comportamento na resolução de problemas, comparativamente às com vinculação insegura (Grossman et al., 2002). Além disso, a vinculação segura pai-criança tem sido tida em conta no desenvolvimento subsequente de uma menor quantidade de problemas comportamentais, melhor sociabilidade e melhor qualidade de interacção com os pares, ou seja, uma relação positiva ao pai encontra-se associada à proximidade do indivíduo a novas figuras de vinculação. Já a vinculação segura à mãe tem sido associada à segurança do indivíduo na vida adulta, na construção de relações de vinculação completas de sucesso e na utilização das novas figuras de vinculação para satisfação das necessidades de vinculação (Markiewicz, Lawford, Doyle, & Haggart, 2006; Brown, McBride, Shin, & Bost, 2007).

1.1.6 A vinculação na adolescência

Bowlby deixou claro a importância da vinculação como fenómeno que acompanha o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, “desde o berço até à sepultura”. De facto, apesar de os pais ou seus substitutos serem as primeiras figuras a quem o indivíduo se vincula e não serem totalmente substituíveis, este vincular-se-á a outras figuras ao longo do seu desenvolvimento (Bowlby, 2002).

Algumas das funções de vinculação, parecem surgir numa idade bastante precoce (a partir dos três anos de idade), nas relações extra-familiares, onde as crianças são já capazes de manter interacções sociais complexas com outras crianças. Este interesse em relacionar-se com os pares tende a aumentar ao longo do seu desenvolvimento, em especial com o começo da adolescência. O adolescente esforça-se por tornar-se cada vez menos dependente dos cuidados até então prestados exclusivamente pelas principais figuras de vinculação, através da

procura de autonomia e crescente procura dos pares para aquisição de conforto e de apoio psicológico (Allen, 2008; Soares, 1996; Soares, 2009; Zeifman & Hazan, 2008). Esta necessidade de autonomia cria uma pressão saudável para que o adolescente utilize os pares como figuras de vinculação, de modo a que as necessidades de vinculação possam ser satisfeitas por estes (Friedlmeier & Granqvist, 2006; Markiewicz et al., 2006).

Apesar das características e funções de vinculação se manterem ao longo do desenvolvimento do indivíduo, estas apresentam algumas diferenças na adolescência e idade adulta, comparativamente à infância. Enquanto na infância as relações de vinculação são assimétricas e complementares, onde a criança é a única receptora de cuidados, não fornecendo quaisquer cuidados em troca – relação assimétrica, na adolescência e vida adulta, estas relações são simétricas e não complementares, onde cada um dos elementos da relação fornece e recebe cuidados, podendo existir um envolvimento sexual (Allen, 2008; Soares, 2009).

A adolescência é assim marcada por profundas transformações ao nível dos sistemas emocional, cognitivo e comportamental do indivíduo e representa, do ponto de vista da vinculação, um período de transição entre as vinculações estabelecidas na infância, essencialmente na relação pais-criança e as relações afectivas formadas na idade adulta fora das relações familiares (Soares 1996; Markiewicz et al., 2006; Allen, 2008; Soares, 2009). Esta é considerada uma fase de aprendizagem sobre como tornar-se uma figura de vinculação, mas também um período em que o indivíduo continua a ser uma figura vinculada, que necessita ainda dos cuidados prestados pelas principais figuras de vinculação (Soares, 1996; Allen, 2008; Soares, 2009). Assim surge uma nova dinâmica relacional, estabelecida entre as necessidades de vinculação e as de exploração, em que os pais passam a funcionar como “figuras de vinculação de reserva”, ou seja, recursos disponíveis ao adolescente quando confrontado com situações de dificuldade ou stress. Com isto, para que o novo papel das principais figuras de vinculação se estabeleça são necessários ajustamentos consideráveis na sua relação com o/a adolescente, bem como uma reavaliação e reestruturação da relação do adolescente com os pais (Soares, 1996; Allen, 2008). As novas capacidades cognitivas do adolescente permitir-lhe-ão também reflectir sobre a natureza do *self*, no que concerne à sua história, particularidade e complexidade, e a partir da sua experiência com as diferentes figuras de vinculação, construir um conhecimento mais integrado e sofisticado sobre a sua experiência ao nível relacional, possibilitando a comparação das diferentes figuras de vinculação que possui, com as figuras hipotéticas (Markiewicz et al., 2006; Soares, 2009).

Segundo Hazan e Zeifman (1994), para que uma relação de vinculação seja completa é necessário que estejam presentes os quatro componentes definidores da vinculação: procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura. Sendo que a transferência destes, dos pais para os pares, ocorre num processo sequencial, componente a componente (segundo a ordem acima enunciada), em função do desenvolvimento do indivíduo. De acordo com as autoras, os dois últimos componentes seriam os verdadeiros marcadores da vinculação, habitualmente reservados para os pais (ou figuras substitutas) e para os parceiros românticos no caso dos adolescentes mais velhos. Estas verificaram ainda que quase todas as crianças e adolescentes se dirigiam preferencialmente aos pares, comparativamente aos pais, em termos de procura de proximidade. Quanto ao componente porto de abrigo, verificaram que os pares se tornam a principal escolha das crianças e adolescentes entre os oito e os catorze anos de idade, para conforto e apoio emocional. Contudo, para a grande maioria, os pais continuavam a servir como base segura e como principais causas de angústia de separação. Apenas entre os adolescentes mais velhos (entre os quinze e os dezassete anos de idade) se verificaram vinculações completas nas relações com os pares. Desta pequena minoria, os que consideraram um par como principal figura de vinculação, nomearam maioritariamente o parceiro romântico (Hazan & Zeifman, 1994, 2008). No estudo de Fraley e Davis (1997), com jovens adultos, verificou-se que os indivíduos utilizavam mais os pais como base segura, cerca de 60%, e mais os pares para obtenção ou manutenção de proximidade, cerca de 78%. Quanto ao componente porto de abrigo os indivíduos demonstraram maior tendência a escolher os pares, cerca de 81%. Já em situações em que necessitavam de algum conselho as diferenças são poucas, com cerca de 54% a preferirem os pares, apoiando assim o modelo proposto por Hazan e Zeifman (1994). Também o estudo longitudinal de Friedlmeier e Granqvist (2006) com adolescentes veio demonstrar que grande parte dos adolescentes (cerca de 90%) transferiu para os pares, ao invés de um dos pais, o componente de procura de proximidade. Quanto à função porto de abrigo cerca de 40% a 60% dos adolescentes transferiu para os pares. Contudo, a maioria (cerca de 54% a 75%) continuava a utilizar um dos pais como base segura. Estes autores verificaram também que a transferência dos componentes de vinculação dos pais para os pares ocorre num processo passo a passo, corroborando os resultados de Hazan e Zeifman (1994).

A grande vontade dos adolescentes de partilha de afecto e de histórias pessoais significativas constitui um dos aspectos capaz de promover, num primeiro momento, a componente sexual das relações românticas e progressivamente reforçar a componente de vinculação das mesmas (Soares, 2009). Visto estas se desenvolverem no contexto das relações

de amizade, poderão tornar-se relações de vinculação duradouras (Allen, 2008; Soares, 2009). De acordo com Hazan e Zeifman (1994) para que uma relação romântica se torne uma relação de vinculação completa é necessário que esta tenha uma duração igual ou superior a dois anos (Zeifman & Hazan, 1994, 2008), o que foi corroborado no estudo de Fraley e Davis (1997) com uma amostra de jovens adultos. Estes últimos autores verificaram também que o nível de transferência das funções de vinculação dependia da duração da relação com o parceiro, portanto, quanto maior a duração da relação, mais utilizavam o parceiro para as funções de vinculação finais (Fraley & Davis, 1997; Friedlmeier & Granqvist, 2006). Quanto às relações de amizade, constataram que apenas aquelas com uma duração superior a cinco anos eram vinculações completas, sendo que o nível de transferência também dependia da duração da relação de amizade (Fraley & Davis, 1997). Em estudos com adultos e adolescentes verificou-se também que as relações de vinculação completas ocorrem quase exclusivamente na relação com os pais ou com os parceiros românticos (Hazan & Zeifman, 1994, 2008).

Na adolescência, as relações de amizades com indivíduos do mesmo sexo contemplam funções de vinculação semelhantes às das relações românticas. Para além disso, o *dating* e o contacto com potenciais parceiros românticos surge essencialmente em grupos de amigos (Friedlmeier & Granqvist, 2006). Nos primeiros relacionamentos amorosos os adolescentes preocupam-se pouco com a satisfação das necessidades de vinculação ou mesmo das necessidades sexuais e afiliativas. Em vez disso, focam-se em quem são, quão atractivos são, como deverão interagir com os outros e como tudo isso é visto aos olhos do seu grupo de pares (Furman & Wehner, 1997). Para os adolescentes mais novos ter um parceiro romântico confere-lhes estatuto social e facilita a sua integração social, dando maior ênfase às características superficiais de potenciais parceiros (como roupas de marca) e a aprovação pelos outros. Já os adolescentes mais velhos passam a avaliar os potenciais parceiros de forma mais madura, dando maior importância à mutualidade dos sentimentos e aos aspectos a longo prazo das relações, definindo o compromisso na relação com base nas dimensões emocional e cognitiva. Num estudo com adolescentes afro e latino-americanas constatou-se que para estas a intenção de ter um namorado prende-se com a aquisição de popularidade entre o seu grupo de pares. Segundo estas adolescentes, namorados atraentes, populares, um pouco mais velhos que elas ou que lhes oferecessem presentes eram os mais desejados (Collins & Sroufe, 1999; Miller & Benson, 1999; Markiewicz et al., 2006; Matos, 2006; Collins, Welsh, & Furman, 2009). A natureza simétrica das relações com os pares fornece um contexto igualitário em que os indivíduos aprendem e praticam competências de cooperação, trocas mútuas, colaboração, auto-revelação íntima e validação consensual sobre valor próprio. Assim, ao longo do

desenvolvimento, estas relações com os pares passam de um jogo colaborativo, para uma amizade íntima e para um romance íntimo (Furman & Simon, 1999).

As experiências do indivíduo nas relações precoces com os pais e pares influenciam as visões que formam sobre intimidade e proximidade em relações próximas no geral, o que por sua vez influencia o modo como integram novos tipos de relacionamentos, nomeadamente relações românticas. Tal como as normas culturais, as representações dos media, e a observação de relações românticas de outrem. Assim, um indivíduo com uma visão segura sobre a vinculação aos pais integrará novas relações esperando proximidade e intimidade, envolvendo-se assim em comportamentos afiliativos, de prestação de cuidados, sexuais e de vinculação, que promovam a proximidade e a intimidade. Já um indivíduo com uma visão desligada relativa à vinculação aos pais, não deverá ter quaisquer expectativas sobre a responsividade e disponibilidade dos outros, podendo comportar-se de tal forma que contribuirá para um certo distanciamento dos outros. Já uma pessoa com uma visão preocupada sobre a relação de vinculação aos pais sentir-se-á desapontada e frustrada perante a proximidade e intimidade, integrando-se noutras relações com as mesmas expectativas (Furman & Wehner, 1997). Caso as experiências nas relações românticas difiram das expectativas existentes, as perspectivas sobre estas relações deverão modificar-se. Por exemplo, o fim de uma relação, leva alguns indivíduos com estilos românticos seguros a desenvolverem estilos inseguros, enquanto outros com estilos evitantes tornam-se seguros quando se envolvem numa nova relação. Quando as experiências nas relações românticas são semelhantes às relações vividas no passado, as expectativas anteriores serão reforçadas e promovem a sua elaboração (Furman & Simon, 1999).

Segundo Friedlmeier e Granqvist (2006), vinculações inseguras às figuras principais de vinculação, em especial à mãe, contribuem para a iniciação precoce da transferência das funções de vinculação para os pares e parceiros românticos. Por sua vez, o envolvimento íntimo precoce leva a diversas problemáticas de desajustamento emocional, tais como, baixa auto-estima, delinquência, depressão e fraca saúde emocional (Meeus, Branje, Valk, & Wied, 2007). Por outro lado, indivíduos seguros, em termos das suas relações românticas, tendem a relembrar os seus pais como carinhosos, respeitadores, benevolentes, aceitantes e não rejeitantes, menos punitivos, referindo ainda a existência de relações mais carinhosas entre os pais. Assim, quanto mais preocupada e amedrontada a relação com os pais, maior a tendência em idealizar a figura de vinculação e o relacionamento amoroso. Contrariamente, quanto mais segura for a relação com os pais, menos idealizam a relação amorosa (Matos & Costa, 2006).

Na escolha de um indivíduo como principal figura de vinculação, os adolescentes seguros tendem maioritariamente a escolher um dos pais, enquanto os inseguros manifestam preferência pelo apoio dos pares (Freeman & Brown, 2001). No caso dos seguros, a vinculação a um par ou a um parceiro romântico parece improvável de ocorrer antes da idade adulta, devido à instabilidade característica das relações de amizade e românticas nesta fase do ciclo de vida. Já os padrões de vinculação insegura sugerem que a busca por uma figura de vinculação extra familiar completa-se antes ou durante o ensino secundário dos jovens (Freeman & Brown, 2001). Assim, de acordo com as evidências supracitadas, uma maior transferência dos componentes de vinculação para as figuras extra-familiares, pares e parceiro romântico, em adolescentes mais novos, estará relacionada com a insegurança na relação de vinculação às principais figuras de vinculação da infância. Enquanto, uma maior transferência dos componentes de vinculação em adolescentes mais velhos, ou seja, que se encontrem numa fase mais avançada do desenvolvimento, poderá estar relacionada com uma relação de vinculação segura às principais figuras de vinculação da infância.

Diversos estudos têm constatado que o aumento do compromisso relacional se encontra associado com a diminuição dos problemas emocionais em indivíduos no início da vida adulta, que fizeram a transição do melhor amigo para o parceiro romântico como a pessoa mais importante para si, bem como na transição da adolescência para a idade adulta. No entanto, a relação com o parceiro íntimo pode não se tornar psicologicamente madura e saliente no começo da vida adulta, em adolescentes que iniciaram o envolvimento em relacionamentos íntimos numa idade relativamente precoce. O que corrobora o efeito negativo dos relacionamentos íntimos precoces, nomeadamente problemas de desajustamento emocional (Meeus et al., 2007).

Em estudos com amostras predominantemente compostas por adolescentes descendentes de europeus e de misturas étnicas, e que vivem em famílias monoparentais, os adolescentes caracterizam-se por fumarem mais cigarros e marijuana, utilizarem mais drogas ilícitas e beberem mais álcool, do que aqueles que vivem com ambos os pais. Apresentam ainda elevados níveis de agressividade e delinquência interpessoal, comparativamente a adolescentes de famílias constituídas por pai e mãe (Gray & Steinberg, 1999; Mandara & Murray, 2006). Já no caso de rapazes provenientes de famílias monoparentais que mantêm contacto com o pai, estes demonstram menos problemas comportamentais, comparativamente aos que não têm qualquer contacto com o pai, isto porque o nível de controlo paternal contribui para que estes adolescentes tenham menos dificuldades comportamentais na escola e mais comportamentos pró-sociais para com os pares (Paquette, 2004).

Outros estudos sobre os efeitos da ausência da figura paterna sugerem que rapazes provenientes de famílias de pais divorciados, tendem a envolver-se frequentemente em comportamentos masculinos exagerados e estereotipados, durante a infância. Enquanto as raparigas de tais famílias tendem a ser sexualmente promíscuas durante a adolescência (Belsky, Steinberg, & Draper, 1991). Pode-se assim dizer, que raparigas provenientes de lares com pai ausente tendem a exibir comportamentos de internalização, enquanto os rapazes tendem a mostrar comportamentos de externalização (Paquette, 2004).

Segundo Draper e Harpending (1982, cit. por Belsky et al., 1991) experiências vividas precocemente ditam a estratégia reprodutiva utilizada mais tarde pelos indivíduos. Assim, crianças que cresceram sem a presença do pai, devido ao divórcio, manifestam um perfil de comportamento consistente com a expectativa de que o investimento por parte do pai na prestação de cuidados não estará disponível e de que as relações exclusivas com outros indivíduos do sexo oposto não serão duradouras. Indivíduos cujas experiências na e em redor da família de origem os levam a perceber os outros como sendo de pouca confiança, as relações como oportunistas e como um meio a partir da qual podem adquirir vantagens à custa dos outros, e os recursos como escassos e/ou imprevisíveis, irão desenvolver padrões de comportamento que provocarão uma redução na idade de maturação biológica, a aceleração da actividade sexual e uma orientação para relacionamentos a curto-prazo. Pelo contrário, indivíduos cujas experiências familiares os levam a perceber os outros como sendo de confiança, as relações como duradouras e mutuamente recompensadoras, e os recursos como mais ou menos disponíveis, irão investir as suas energias reprodutivas na parentalidade, ao invés de no crescimento e desenvolvimento individual.

1.2 A teoria das trocas sociais

Nos anos 60 e 70, psicólogos sociais desenvolveram a teoria das trocas, com base em princípios da economia, designando-a como uma teoria geral sobre o comportamento social, que pode ser aplicada a uma variedade de fenómenos interpessoais. Nos anos 80, esta contribuiu para a estimulação dos avanços na investigação ao nível da compreensão do comportamento interpessoal, nomeadamente no estabelecimento, manutenção e dissolução de relações próximas adultas, que providenciassem melhores recompensas do que custos (Laursen, 1996; Laursen & Jensen-Campbell, 1999). Contudo, os aspectos desenvolvimentistas da teoria foram amplamente desvalorizados. Só após uma década, a crescente investigação sobre a vinculação na infância fez ressaltar o desenvolvimento

significativo das relações próximas, surgindo assim, os modelos relacionais, através da aplicação da interdependência às relações das crianças com os pais e amigos (Laursen, 1996).

Na sua forma original, a teoria das trocas sociais postulava que os indivíduos são levados a efectuar uma análise mental para maximização das recompensas (resultados positivos) e minimização dos custos (resultados negativos ou investimentos), sendo estes interpretados como prazerosos ou inibitórios (Laursen & Jensen-Campbell, 1999). Tendo por base estes postulados, a teoria das trocas provou ser capaz de predizer a atracção interpessoal, em que as interacções entre dois indivíduos podem ser compreendidas em termos das recompensas e dos custos que cada um fornece ao outro. Assim, a atracção interpessoal descreve não só a preferência por um parceiro em particular, mas também o desejo pelas recompensas fornecidas pelas interacções com esse parceiro (Laursen, 1996).

A interdependência (conceito central para a manutenção de uma relação), desenvolve-se enquanto as interacções se mantêm mutuamente recompensadoras, e as partes se tornam cada vez mais dependentes uma da outra para obtenção de recompensas (Laursen, 1996). Assim numa relação de interdependência, os pensamentos, os comportamentos e as emoções de ambas as partes encontram-se interligados. Se as afiliações interdependentes perdurarem um longo período de tempo e as interconexões forem fortes, recorrentes e diversas, são consideradas relações próximas.

A equidade é considerada essencial para a maioria das formas de interdependência, só se desenvolvendo se as recompensas e os custos associados a uma relação forem equitativos, isto é, igualmente partilhados e mutuamente benéficos. O surgimento de dificuldades de interdependência ocorre devido à iniquidade, que perturba as interacções e ameaça a interdependência. Quando esta ocorre, surge a percepção de que as interacções são mais recompensadoras para um indivíduo do que para o outro, o que pode também acontecer se os custos não forem divididos pelos elementos da relação. As iniquidades a curto-prazo são toleradas e mesmo interpretadas como recompensadoras, desde que a interdependência e a equidade a longo-prazo sejam mantidas (Laursen, 1996; Laursen & Jensen-Campbell, 1999).

A conceptualização das recompensas e dos custos em relações de interdependência foram aperfeiçoadas, pois originalmente, os ganhos englobavam afinidade, similaridade e cooperação, enquanto os custos incluíam competição e agressão. Actualmente, as recompensas equiparam-se à proximidade e os custos ao conflito. A proximidade descreve as recompensas que ocorrem frequentemente e em diversas situações, exercendo uma forte influência sobre os participantes. E o conflito, definido em termos de oposição ou interferência comportamental, representa o principal custo associado à interdependência,

implicando também iniquidade (Laursen, 1996). Consoante uma relação de interdependência se desenvolve, muitas recompensas e custos tornam-se restritos à relação, implicando a existência de confiança mútua. A partir de uma consideração de equidade surgem dois tipos de interdependência de relação: a comunal e a de troca (Laursen, 1996). No caso de uma relação comunal, os participantes dão maior importância aos ganhos comuns à relação, ao invés de nas contribuições individuais. Procuram obter conhecimento das necessidades um do outro, partindo do princípio de que ao longo do relacionamento as contribuições de ambos serão bastante equivalentes. Estes são motivados a manter os ganhos e a evitar os custos que poderiam perturbar as interconexões, investindo na estabilidade de relações a longo – prazo. Como consequência, as interações são impulsionadas pela satisfação das necessidades de ambos. Na adolescência estas relações incluem a família, os amigos e parceiros românticos.

Em contraste, uma relação de troca é constituída por indivíduos que não sentem responsabilidades de maior pela satisfação de necessidades do outro e que encaram a equidade em termos da contribuição de cada um dos participantes para a relação. Para estes o importante é a maximização dos ganhos de cada um dos membros da relação em separado. Embora motivados para manter a interdependência, investem menos na estabilidade das relações a longo – prazo (Laursen, 1996; Laursen & Jensen-Campbell, 1999). As interações ocorrem assim, através do equilíbrio dos contributos para a relação. Por exemplo, a relação entre vizinhos tende a ser caracterizada mais pela troca esporádica de favores, do que pela sensibilidade e reciprocidade em relação às necessidades pessoais. Na adolescência, este tipo de relações envolvem associações aos vizinhos, colegas de trabalho, professores e colegas de turma (Laursen, 1996).

Segundo um modelo sócio-relacional do desenvolvimento, a interdependência em relações próximas entre pares emerge de forma gradual, de acordo com a maturação individual e experiência social (Laursen, 1996). Além do mais, as interdependências modificam-se ao longo da maturação da relação, e as expectativas gerais acerca das interações numa relação modificam-se com a idade. Por exemplo, as relações românticas na adolescência muitas vezes começam por ser platónicas, progredindo ao longo de vários estádios de envolvimento sexual. O desenvolvimento também influencia o nível de influências externas a que cada indivíduo é exposto numa determinada relação, pois ao contrário dos adultos, os adolescentes têm restrições impostas pelos pais relativamente às relações por estes estabelecidas, desencorajando muitas vezes este tipo de interações. Embora os jovens adultos invistam grande parte da sua atenção nas relações românticas, o mesmo não acontece com os adolescentes. Como as relações românticas emergem mais

tardamente, comparativamente a outras relações próximas, a maior parte das crianças e muitos adolescentes mantêm relações comuns apenas com amigos do mesmo sexo, irmãos e pais. Durante a adolescência, as relações comuns incluem dois grupos distintos, nos quais os princípios de interdependência são diferentemente aplicados. As relações involuntárias que se referem a membros da família, em que o parentesco, os costumes e as leis ditam o comportamento para com esses indivíduos. E as relações voluntárias referentes aos amigos e parceiros românticos. Estas últimas são algo ténues e instáveis, pelo facto dos participantes competirem um com o outro para obtenção de recompensas. Contrariamente às primeiras, estas são igualitárias, pelo facto dos participantes terem o mesmo nível de poder, tendo por base a confiança e o compromisso, e não ligações familiares. Consoante as crianças se vão desenvolvendo cognitivamente e adquirindo experiência social, a distinção entre os dois tipos de relações acima referidos, torna-se cada vez mais evidente (Laursen, 1996).

As características únicas das relações românticas na adolescência produzem padrões excepcionais de trocas. Tal como as relações de amizade, as românticas, nos seus estádios iniciais, são comuns e voluntárias, onde as trocas são concebidas para minimizar ameaças aos benefícios mútuos. Estes dois tipos de relações são recíprocas e horizontais, sendo que os participantes empõem um nível de poder social semelhante. As relações românticas diferem das de amizade no sentido em que as trocas sociais se transformam ao longo do decorrer da relação. Os encontros românticos breves fornecem aos adolescentes oportunidades de praticar a troca de regras e de aperfeiçoar os recursos pessoais precedentes à iniciação dos relacionamentos que impliquem o compromisso e a reprodução. O desenvolvimento do próprio adolescente e as expectativas culturais contribuem para mudanças nas relações românticas, tornando-se mais atractivas e ilimitadas com a idade. Já a maturidade física e social contribui para aumentar os resultados disponíveis, ao mesmo tempo que as restrições ambientais nas interacções sociais diminuem. As mudanças ocorrem também ao nível da orientação dos objectivos das trocas sociais, inicialmente centrados no eu, em que há uma preocupação com a aprovação dos pais e dos pares, e com a aparência física. Mais tarde, no fim da adolescência centrados na relação, onde a reciprocidade e a compatibilidade com o parceiro prevalecem (Laursen & Jensen-Campbell, 1999; Matos, 2006). Poder-se-á, assim, dizer que os adolescentes mais novos se encontram pouco centrados no desenvolvimento da interdependência na relação com o parceiro romântico, focando-se essencialmente em motivações extrínsecas, nomeadamente a aprovação perante os outros, o estatuto social, etc. Enquanto os adolescentes mais velhos, mais maduros, centram-se mais no desenvolvimento da interdependência na relação romântica, centrando-se em motivações mais intrínsecas, para

satisfação das necessidades de ambos os participantes na relação e investimento na qualidade da mesma. Contudo, as motivações para o envolvimento e manutenção deste tipo de relacionamentos poderão depender das experiências precoces vividas pelo indivíduo, nomeadamente na relação com as principais figuras de vinculação da infância. Como já mencionado nos capítulos anteriores, a segurança na vinculação a ambos os progenitores, ou seus substitutos, influencia as relações estabelecidas pelo indivíduo, com figuras extra-familiares (pares e parceiros românticos), ao longo do seu desenvolvimento. Será que também influenciarão a qualidade das relações românticas, ao nível da percepção dos adolescentes sobre o que os motiva a iniciar ou manter este tipo de relacionamentos? A literatura relativa aos relacionamentos românticos na adolescência exhibe essencialmente resultados acerca da qualidade das relações, pela avaliação da satisfação nas mesmas e não pela avaliação dos motivos que levam os adolescentes a iniciar e/ou manter estes relacionamentos.

Diversos estudos tentaram nomear listas de potenciais recursos trocados entre os cônjuges, no entanto, estas listas baseavam-se na intuição dos investigadores e não no valor e importância percebida pelos sujeitos sobre os recursos das trocas por eles efectuadas (Sedikides et al., 1994). Outros tentaram delinear o conteúdo dos benefícios e custos característicos das relações românticas, contudo, estas listas de benefícios e custos não foram sujeitas a quaisquer testes empíricos, baseando-se apenas na intuição do investigador, em observações clínicas ou em ambos (Sedikides et al., 1994). O estudo de Sedikides et al. (1994) demonstrou então, que os benefícios considerados mais importantes para indivíduos envolvidos em relações românticas são: o companheirismo ou afiliação, o sentimento de felicidade, a exclusividade, o amar ou sentir-se amado, a intimidade, o crescimento ou maturação pessoal e a compreensão de si mesmo e uma maior auto-estima positiva. Os custos mais importantes são: o stress e a preocupação acerca da relação, os sacrifícios sociais e não sociais, uma maior dependência do parceiro, as brigas, o tempo e o esforço investidos na relação e o sentir-se pior consigo mesmo. Para as mulheres, os benefícios considerados mais importantes foram: a intimidade, o auto-crescimento, a auto-compreensão e o aumento da auto-estima. A perda de identidade e de inocência acerca das relações e do amor foram por elas considerados os custos mais importantes. Contrariamente, os homens consideraram a gratificação sexual como o benefício mais importante e a perda monetária como o custo mais importante. Os autores verificaram ainda existir mais similaridades, do que diferenças, nas respostas dos homens e das mulheres (Sedikides et al., 1994).

1.3 Objectivos e Hipóteses

A presente investigação tem por objectivo geral estudar até que ponto a vinculação à mãe e a vinculação ao pai influenciam os benefícios e os custos percebidos pelos adolescentes como mais importantes para a iniciação e/ou manutenção de relacionamentos românticos, isto é, avaliar o que motiva os adolescentes a iniciar ou manter uma relação, à luz dos modelos criados na sua infância na relação com os principais prestadores de cuidados.

Para além disso, pretende-se replicar os modelos propostos por Hazan e Zeifman (1994) relativos às dinâmicas de transferência das funções de vinculação dos pais para as figuras extra-familiares, e replicar o proposto por Calado (2008) sobre o índice de transferência dos componentes de vinculação dos pais para o melhor amigo(a) ou namorado(a). Isto é, verificar se o processo de transferência das funções de vinculação dos pais para os pares ocorre ao longo do tempo num processo componente a componente, pela ordem (a) procura de proximidade, (b) porto de abrigo, (c) protesto de separação e (d) base segura (Hazan & Zeifman, 1994; Fraley & Davis, 1997; Friedlmeier & Granqvist, 2006). Compreender se a vinculação ao pai influencia a transferência do componente de procura de proximidade, devido ao impacto que esta figura tem na estimulação da criança para a interacção interpessoal. Verificar se a vinculação à mãe favorece a transferência dos componentes finais, que contribuem para a formação de uma relação de vinculação completa, pela influência desta figura no desenvolvimento das competências necessárias à construção de relações de vinculação completas com figuras extra-familiares (Markiewicz et al., 2006). Analisar se o grau de transferência dos componentes é influenciado pelo género, idade e estatuto relacional dos indivíduos (Calado, 2008). Pretende-se ainda analisar quais os ganhos/benefícios e perdas/custos de maior importância para os adolescentes aquando da iniciação e/ou manutenção de relações românticas, tendo por base a teoria das trocas sociais e o proposto por Sedikides et al. (1994). Verificar se a relação de vinculação com os progenitores influencia ou não a importância dada pelos adolescentes às trocas sociais ocorridas nas relações românticas. E se as escolhas serão também influenciadas pelo género, idade e estatuto relacional dos sujeitos. E por último se a transferência dos componentes de vinculação influencia a segurança na relação de vinculação às principais figuras de vinculação da infância, dependendo da idade dos sujeitos.

Assim, propuseram-se para a presente investigação as seguintes hipóteses:

H1: Era esperado que a transferência dos componentes de vinculação das principais figuras de vinculação para os pares ocorresse ao longo do tempo, num processo componente a componente, como acima mencionado;

- H2: Era esperado que os adolescentes mais velhos apresentassem um maior índice de transferência dos componentes de vinculação comparativamente aos adolescentes mais novos;
- H3: Era esperado que a segurança na vinculação ao pai estivesse associada a uma maior transferência das componentes de vinculação iniciais (o componente procura de proximidade); e a segurança na vinculação à mãe estivesse associada a uma maior transferência dos componentes de vinculação finais (o componente base segura);
- H4: Era esperado que jovens envolvidos em relações românticas apresentassem um maior índice de transferência das funções de vinculação para os parceiros românticos, em oposição aos que não se encontram envolvidos em relações românticas;
- H5: Era esperado que adolescentes mais novos dessem maior relevo aos ganhos que beneficiem a si próprios;
- H6: Era esperado que adolescentes mais velhos dessem maior relevo aos ganhos que beneficiem a relação;
- H7: Era esperado que as raparigas dessem maior relevo a ganhos de índole emocional (auto-estima, intimidade, crescimento pessoal e auto-conhecimento) e a perdas de índole pessoal (perda de identidade, vulnerabilidade na relação e perda de amor);
- H8: Era esperado que os rapazes dessem maior relevo a ganhos de índole física (gratificação sexual) e a perdas de índole material;
- H9: Era esperado que adolescentes com vinculação segura aos pais tendessem a nomear ganhos que beneficiem a relação;
- H10: Era esperado que adolescentes com vinculação insegura aos pais tendessem a nomear ganhos que beneficiem os próprios;
- H11: Era esperado que os adolescentes com maior índice de transferência dos componentes de vinculação tivessem uma relação de vinculação insegura com os pais, no caso dos mais novos e segura no caso dos mais velhos.

2. Metodologia

No presente capítulo serão apresentados, de forma discriminada, a amostra, os instrumentos e os procedimentos utilizados na elaboração do estudo.

2.1 Participantes

O estudo realizado é constituído por uma amostra de 218 sujeitos, dos quais 84 (38.5%) são do sexo masculino e 134 (61.5%) do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos ($M=15.27$; $DP=2.04$).

Da análise da amostra verificou-se que 58.3% se encontravam no 3º ciclo do ensino básico, 40.8% no ensino secundário e 0.9% no ensino superior.

A amostra constituiu-se essencialmente por sujeitos que se identificavam como sendo de nacionalidade portuguesa, sendo que apenas 7.8% se identificavam sendo de outra nacionalidade.

No que se refere ao estrato social e à zona habitacional, a maioria dos sujeitos considerou pertencer ao nível médio 68.8% e a viver num meio urbano, 89.4%, respectivamente.

Quanto ao nível de religiosidade, 27% consideravam-se pouco religiosos, 70.2% medianamente religiosos e 2.8% muito religiosos.

Relativamente à caracterização do agregado familiar, 80.7% viviam com ambos os pais, 8.3% apenas com a mãe, 0.9% apenas com o pai, 7.3% com a mãe e outros indivíduos, 0.5% com o pai e outros indivíduos e 2.3% com outras pessoas.

Em relação ao estatuto relacional, 37.1% encontravam-se envolvidos numa relação romântica, 48.2% não se encontravam actualmente envolvidos numa relação romântica e 14.7% nunca tinham estado envolvidos numa relação romântica. A duração média do namoro actual foi de 14.12 meses ($DP = 13.29$).

Tabela 1. Caracterização da amostra por Sexos

	Feminino (N=134)		Masculino (N=84)		χ^2
	N	%	N	%	
Nível de escolaridade					8.505*
3º ciclo	68	50.7	59	70.2	
Secundário	65	48.5	24	28.6	
Superior	1	.7	1	1.2	
Estatuto relacional					9.547**
Nunca namorou	15	11.2	17	20.2	
Actualmente não namora	59	44.0	46	54.8	

Namora	60	44.8	21	25.0	
Tipo de área onde cresceu					.712
Urbana	118	88.1	77	91.7	
Rural	16	11.9	7	8.3	
Nível sócio-económico					4.021
Classe alta	2	1.5	1	1.2	
Classe média-alta	12	9.0	10	11.9	
Classe média	88	65.7	62	73.8	
Classe média-baixa	32	23.9	11	13.1	
Nacionalidade					13.582
Portuguesa	128	95.5	73	86.9	
Venezuelana	2	1.5	5	6.0	
Inglesa	1	.7			
Equatoriana			1	1.2	
Suiça			1	1.2	
Irlandesa			1	1.2	
Luso-Inglesa	1	.7			
Russa			1	1.2	
Francesa	1	.7	1	1.2	
Australiana			1	1.2	
Sul-Africana	1	.7			
Agregado familiar					4.515
Pai e mãe	97	72.4	65	77.4	
Pai, mãe e outros	8	6.0	6	7.1	
Apenas mãe	11	8.2	7	8.3	
Mãe e outros	11	8.2	5	6.0	
Apenas pai	1	.7	1	1.2	
Pai e outros	1	.7			
Outros	5	3.7			
	Feminino		Masculino		<i>T</i>
	(N=134)		(N=84)		
	M	DP	M	DP	
Idade	15.46	1.81	14.95	2.33	1.709

Duração do namoro em meses	15.33	13.27	10.67	13.03	1.393
Nível de religiosidade (de 1 a 7)	3.39	1.23	3.21	1.47	.905

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$.

Foram encontradas diferenças entre sexos para o nível de escolaridade, com $\chi^2(2) = 8.505$; $p = .014$ e para o estatuto relacional, com $\chi^2(2) = 9.547$; $p = .008$, sendo as raparigas a apresentar maior nível de escolaridade e a referir mais que têm um namoro actual, em comparação com os rapazes.

2.2 Medidas

Para a realização do presente estudo foram utilizados quatro questionários de auto-descrição: o Questionário referente a Dados Demográficos (QDD), o Questionário do Índice de Transferência de Componentes de Vinculação (QITCV), o Questionário sobre o Relacionamento com os Pais e com os Amigos (IPPA) e o Questionário sobre Relações: benefícios e perdas (QR). Utilizou-se apenas as duas primeiras secções do IPPA relativas à vinculação com o pai e com a mãe, por a secção relativa aos pares não ter pertinência para os objectivos do presente estudo.

O QDD, constituído por nove questões relativas a informação sócio-demográfica, foi desenvolvido com o intuito de obter informação referente ao sexo, idade, nível de escolaridade, estatuto relacional, zona habitacional, nível sócio-económico, nível de religiosidade, nacionalidade e composição do agregado familiar dos participantes no estudo.

O QITCV, desenvolvido por Filipa Calado (2008), pretende avaliar o grau de transferência dos quatro componentes de vinculação dos pais para figuras extra-familiares, amigos(as) ou namorado(a). É constituído por 28 itens, sete correspondentes a cada um dos componentes de vinculação propostos por Hazan e Zeifman (1994) como definidores de uma relação de vinculação: procura de proximidade (“Muitas vezes, procuro arranjar formas de obter uma maior proximidade com esta pessoa”), porto de abrigo (“Sinto que esta pessoa me fornece amparo emocional quando estou perturbado(a) com qualquer coisa”), protesto de separação (“Ficaria muito inquieto(a) se me deixasse de relacionar com esta pessoa”) e base segura (“Sinto que esta pessoa me dá força para lutar pelos meus sonhos”). Cada um dos itens é avaliado segundo uma escala *Likert* de sete pontos, sendo que 1 significa “Sinto apenas em relação aos meus pais”, o 4 significa “Sinto igualmente em relação a esta pessoa e aos meus pais” e o 7 significa “Sinto apenas em relação a esta pessoa”. Antes de iniciarem a resposta ao questionário era solicitado aos sujeitos que nomeassem a figura extra-familiar em relação ao

qual se iriam basear para responder ao questionário. Visto este questionário estar apenas a ser utilizado pela segunda vez, voltou-se efectuar uma análise factorial exploratória, através do método de extracção de componentes principais com rotação Varimax, onde foram extraídos três factores e não quatro correspondentes aos quatro componentes de vinculação, tal como ocorreu no estudo de Calado (2008). Assim, o primeiro factor corresponde a uma mistura dos componentes porto de abrigo e base segura, tal como ocorreu no estudo de Calado (2008) e outras investigações anteriores. O segundo factor corresponde ao componente protesto de separação e o terceiro ao componente procura de proximidade. No entanto, mantiveram-se as quatro subescalas relativas aos quatro componentes de vinculação, com o intuito de manter consistência em relação aos argumentos apresentados na revisão de literatura, relativa à presença de quatro funções de vinculação. Este questionário obteve uma boa consistência interna, tendo sido obtido um alfa de Cronbach de .87 para a subescala de procura de proximidade, de .86 para a subescala porto de abrigo, de .90 para a subescala protesto de separação e de .88 para a subescala base segura (Calado, 2008). No presente estudo, a consistência interna, avaliada pelo alfa de Cronbach, foi de .858 para o componente procura de proximidade, de .914 para o componente porto de abrigo (por eliminação do item 20, por fazer baixar o valor do alfa), de .927 para o componente protesto de separação e de .920 para o componente base segura.

O IPPA, originalmente desenvolvido por Armsden e Greenberg (1987) e traduzido pelo Professor Manuel Geada da Universidade de Lisboa, avalia a segurança na relação aos pais e aos pares, percepcionada por adolescentes e jovens. É estruturalmente composto por três secções constituídas por 25 itens cada, correspondentes à vinculação com o pai (“O meu pai aceita-me tal como sou”), mãe (“A minha mãe respeita os meus sentimentos”) e amigos. No entanto, neste estudo não utilizaremos a última secção, referente aos amigos, uma vez que não é pertinente para os objectivos propostos. Os itens são classificados de acordo com uma escala *Likert* de cinco pontos, variando entre 1 que correspondente a “Nunca ou Quase Nunca” e 5 que corresponde a “Quase Sempre ou Sempre”. Para além da vinculação aos pais e aos pares, também avalia o grau de confiança mútua, a qualidade de comunicação e o grau de raiva e alienação relativamente à mãe, ao pai e aos pares. Estas medidas derivam de uma análise factorial efectuada pelos autores, mas não serão avaliadas no presente estudo, por não ser pertinentes para os objectivos do mesmo, e sobretudo por não se terem revelado consistentes e por estudos posteriores não as terem conseguido replicar.

A consistência interna analisada pelo alfa de Cronbach, na versão revista, é de .87 para a vinculação com a mãe, .89 para a vinculação com o pai e .92 para a vinculação com os

pares. No presente estudo, foi efectuada esta mesma análise, onde se obtiveram os seguintes valores de alfa de Cronbach: .912 para a escala relativa à mãe e de .939 para a escala relativa ao pai.

O QR, desenvolvido por João Moreira, a partir de listas de ganhos/benefícios e perdas/riscos elaboradas por alunos de uma unidade curricular do Mestrado Integrado em Psicologia, leccionada pelo autor, tem por base a teoria das trocas sociais e o estudo efectuado por Sedikides et al. (1994). Pretende avaliar os ganhos/benefícios e perdas/riscos das relações românticas, percebidos pelos indivíduos, ou seja, as motivações que os levam a iniciar ou manter uma relação amorosa. É constituído por 40 itens divididos por duas escalas, cada uma com 20 itens, que correspondem às dimensões Ganhos/Benefícios (“Tornar-se mais compreensivo”) e Perdas/Riscos (“Ser controlado(a) pelo parceiro(a)”). Os itens são avaliados numa escala de *Likert* de 1 (“Nada Importante”) a 7 (“Extremamente Importante”), sendo o 4 correspondente ao “Medianamente Importante”. Pelo facto deste questionário nunca ter sido utilizado, procedeu-se à avaliação da validade interna do mesmo, a partir de uma análise factorial exploratória, através da extracção de componentes principais com rotação Varimax, para as duas escalas em separado.

Tabela 2. Saturação dos itens da escala dos Ganhos/Benefícios do QR

	Componente			
	1	2	3	4
Item 1: Aumento da auto-estima.	,173	,570	,294	,110
Item 2: Sentir-se mais independente da família.	,063	,339	,390	,136
Item 3: Ter apoio sempre disponível.	,169	,822	,098	,101
Item 4: Maior segurança emocional.	,215	,744	,104	,169
Item 5: Vida sexual mais activa.	,036	,034	,855	,174
Item 6: Sentir que se amadurece.	,204	,418	,484	,147
Item 7: Ter apoio emocional em situações difíceis.	,342	,747	,128	,047
Item 8: Ter alguém que nos oferece coisas ou paga as contas.	-,087	,099	,135	,729
Item 9: Ter alguém em quem se pode confiar.	,375	,719	-,054	-,011
Item 10: Ter actividade sexual com alguém que se ama.	,211	,108	,842	,004
Item 11: Conhecer novas pessoas através do parceiro(a).	,217	-,004	,306	,539
Item 12: Poder pensar num futuro em conjunto.	,636	,218	,345	,024

Item 13: Actividades lúdicas (sair, cinema, etc) mais frequentes.	,633	,100	,049	,256
Item 14: Tornar-se mais compreensivo(a).	,710	,249	,011	,118
Item 15: Não se sentir só.	,681	,329	,071	,063
Item 16: Ter uma companhia garantida para actividades.	,521	,262	-,007	,524
Item 17: Melhorar a nossa imagem junto das outras pessoas.	,266	,135	-,008	,768
Item 18: Tornar-se menos egoísta.	,640	,044	,090	,188
Item 19: Sentir que se ama alguém.	,734	,351	,163	-,006
Item 20: Sentir-se amado pelo parceiro(a).	,682	,344	,219	-,027

De acordo com os dados apresentados, apenas o item 16 apresenta valores semelhantes em dois factores, tendo-se considerado este item para o factor com valor mais elevado. Assim, podemos dizer que no que se refere à escala dos ganhos/benefícios o factor 1 corresponde aos ganhos emocionais, o factor 2 ao apoio emocional, o factor 3 aos ganhos sexuais e o factor 4 aos ganhos sociais e materiais.

Tabela 3. Saturação dos itens da escala dos Perdas/Riscos do QR

	Componente		
	1	2	3
Item 1: Poder ser traído(a).	,596	,460	-,020
Item 2: Ser controlado pelo(a) parceiro(a).	,658	,391	,157
Item 3: Ter de lembrar datas e oferecer prendas.	,007	-,099	,706
Item 4: Ter de abdicar/desistir de preferências pessoais.	,707	,011	,399
Item 5: Ter menos tempo para a família, amigos, para si próprio, etc.	,692	,101	,336
Item 6: Pensar menos em si.	,699	-,008	,318
Item 7: Ter de ter paciência e aceitar o parceiro(a).	,221	,199	,558
Item 8: Risco de gravidez indesejada ou de apanhar uma doença sexualmente transmissível.	,811	,215	-,031
Item 9: Ter de abandonar projectos pessoais incompatíveis com a relação.	,819	,179	,142
Item 10: Ter uma experiência negativa que afecte relações futuras.	,682	,445	,004
Item 11: Perda de liberdade.	,786	,235	,204

Item 12: Sentir medo de perder o parceiro(a).	,254	,790	,063
Item 13: Parceiro(a) manifestar ciúmes.	,306	,704	,160
Item 14: Perda de possibilidade de ter relações sexuais com mais do que uma pessoa.	,009	,213	,419
Item 15: Sentir-se mal quando a relação não corre bem.	,125	,824	,155
Item 16: Dar mais do que se recebe.	,173	,376	,421
Item 17: Sair magoado se a relação terminar.	,087	,806	,066
Item 18: Ficar vulnerável perante alguém que nos conhece bem.	,276	,421	,332
Item 19: Gastar mais dinheiro (prendas, telefone, etc).	,124	,059	,744
Item 20: Menor possibilidade de sair com outras pessoas.	,315	,122	,620
Perdas Pessoais	,931	,300	,201
Vulnerabilidade na Relação	,233	,947	,133
Perdas Sociais	,247	,111	,932

De acordo com os dados apresentados podemos dizer que, para a escala das perdas/riscos, o factor 1 corresponde às perdas pessoais, o factor 2 à vulnerabilidade na relação e o factor 3 às perdas sociais.

Quanto à consistência interna deste instrumento, obteve-se um alfa de Cronbach de .851 para a os ganhos emocionais, de .853 para o apoio emocional (por eliminação do item 1, por fazer baixar o valor do alfa), de .808 para os ganhos sexuais, de .670 para os ganhos sociais e materiais; de .914 para as perdas pessoais, de .844 para a vulnerabilidade na relação e de .653 para as perdas sociais.

2.3 Procedimento

A recolha de dados realizou-se em três escolas públicas, localizadas na cidade do Funchal. A secretaria regional de educação e as respectivas escolas foram contactadas com o intuito de apresentar os objectivos da investigação e obter as respectivas autorizações para a recolha da amostra. Foi também enviado um pedido de autorização de participação aos encarregados de educação dos sujeitos menores de idade e aos próprios sujeitos no caso de serem maiores de 18 anos, sem a qual não era possível a participação no estudo. Neste eram explicados de forma sucinta os objectivos gerais da investigação e assegurada a confidencialidade dos dados. No acto da aplicação, era ainda perguntado aos jovens, com autorização dos encarregados de educação, se manifestavam desejo pessoal de participação no estudo.

A recolha de dados realizou-se a partir de um conjunto de questionários estruturados, com perguntas fechadas e instruções padronizadas, a três turmas de 7º ano e 8º ano, quatro de 9º ano, seis de 10º ano, 11º ano e 12º ano e a sujeitos pertencentes à rede social da autora da presente investigação.

Por sua vez as aplicações decorreram de forma colectiva durante o período de aulas, num horário cedido pelos directores de cada uma das turmas. Os questionários foram entregues após uma breve explicação acerca dos objectivos da investigação e da confidencialidade e anonimato dos dados fornecidos.

3. Resultados

Relativamente à escolha da figura extra-familiar para a qual os participantes transferiram as funções de vinculação, 72% dos jovens escolheram o melhor amigo e 28% seleccionaram o(a) namorado(a).

A deslocação dos componentes de vinculação dos pais para os pares foi avaliada em quatro dimensões: Procura proximidade, Porto de abrigo, Protesto de Separação e Base segura. Foi considerado que os participantes tinham transferido cada componente para os pares se cada dimensão apresentava um resultado médio superior a 4. A Tabela 4 mostra as frequências e percentagens obtidas.

Tabela 4. Transferência dos Componentes de Vinculação

	Não transferiu		Transferiu	
	N	%	N	%
Procura de proximidade	68	31.2	150	68.8
Porto de abrigo	85	39.0	133	61.0
Protesto de separação	99	45.4	119	54.6
Base segura	82	37.6	136	62.4

Pela análise da Tabela 4 podemos verificar, que a maioria dos participantes transferiu os componentes de vinculação dos pais para a figura extra-familiar.

Para avaliar a transferência dos componentes de vinculação em vários grupos etários, foi efectuada uma análise de diferenças de médias através da ANOVA. A Tabela 5 mostra os resultados obtidos.

Tabela 5. Diferenças entre Grupos Etários para a Transferência dos Componentes de Vinculação

	12 a 14 anos (N=86)		15 a 17 anos (N=100)		Mais de 17 anos (N=32)		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Procura de proximidade	28.78	9.39	32.63	7.56	33.88	8.57	6.524**
Porto de abrigo	23.48	10.00	27.34	7.74	29.88	7.23	8.043***
Protesto de separação	26.92	11.96	29.42	8.13	31.00	10.99	2.365
Base segura	26.84	10.72	32.36	8.29	34.38	8.55	11.302***

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários para a procura de proximidade com $F(2; 215) = 6.524$; $p = .002$, para o porto de abrigo com $F(2; 215) = 8.043$; $p < .000$ e para a base segura com $F(2; 215) = 11.302$; $p < .000$. Os resultados mostram que o grupo dos participantes entre os 12 e os 14 anos é o grupo com menos transferência conseguida e o grupo com mais de 17 anos é o grupo com mais transferência conseguida, ao nível da procura de proximidade, porto de abrigo e base segura.

Na Figura 1 são apresentadas as percentagens de participantes com a transferência completa em cada grupo etário.

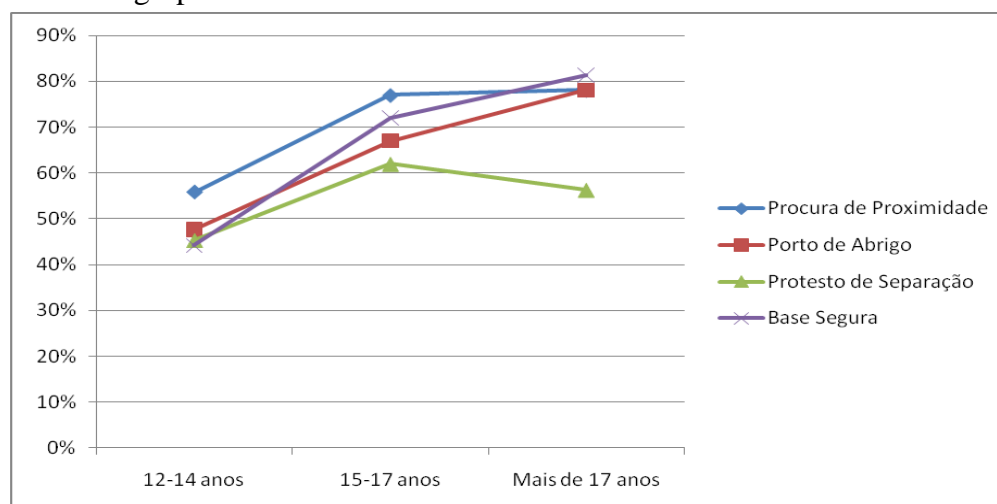


Figura 1. Percentagem de transferência de cada componente por grupo etário

Exceptuando o protesto de separação, a transferência das funções de vinculação parece aumentar com a idade. Na faixa etária dos 12 aos 14 anos a procura de proximidade é o componente mais transferido e a base segura o menos transferido; na faixa dos 15 aos 17 anos a procura de proximidade é o componente mais transferido, mas podemos ver que a transferência dos outros componentes é bastante mais elevada do que na faixa etária anterior. Depois dos 17 anos a base segura é o componente mais transferido.

Os resultados acima apresentados respeitantes às duas primeiras hipóteses proposta, segundo a qual, a transferência dos componentes de vinculação das principais figuras de vinculação da infância, para as figuras extra-familiares da adolescência, ocorre ao longo do tempo, num processo componente a componente, e de que os adolescentes mais velhos apresentariam uma maior índice de transferência dos componentes, que os mais novos. No entanto, a ordem de transferência não corresponde à proposta por Hazan e Zeifman (1994) – procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base segura – iniciando-se com a procura de proximidade, seguida da base segura, do porto de abrigo e do protesto de separação. Quanto ao nível de transferência, os adolescentes mais velhos transferem mais que os mais novos, excepto para o componente protesto de separação.

Para estudar as associações entre os componentes de vinculação e as restantes dimensões utilizou-se o coeficiente de Pearson, tendo-se analisado estas associações em toda a amostra, só nas raparigas e só nos rapazes. As Tabelas 6 a 8 apresentam os resultados obtidos.

Tabela 6. Correlações entre Componentes e Restantes Dimensões na Totalidade da Amostra

	Procura de proximidade	Porto de abrigo	Protesto de separação	Base segura
Vinculação com os pais				
Relação com a mãe	-.32***	-.41***	-.30***	-.39***
Relação com o pai	-.21***	-.32***	-.23***	-.28***
Benefícios com as relações românticas				
Ganhos emocionais	.24***	.24***	.29***	.21**
Apoio emocional	.21**	.32***	.25***	.30***
Ganhos sexuais	.16*	.10	.05	.13*
Ganhos sociais e materiais	.15*	.16*	.18**	.18**
Perdas com as relações românticas				

Perdas pessoais	-.10	-.02	-.02	
Vulnerabilidade na relação	.19**	.26***	.20**	.27***
Perdas sociais	-.01	.06	.06	.08

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

Todos os componentes de vinculação se correlacionaram de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com a mãe e com a relação com o pai com valores de correlação que variam entre $r = -.21$; $p = .001$ (procura de proximidade; relação pai) e $r = -.41$; $p < .000$ (porto de abrigo; relação com a mãe). Os resultados mostram que quanto mais segura é a vinculação com os pais, menor é o índice de transferência da vinculação para figuras extra-familiares.

A procura de proximidade correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sexuais, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .15$; $p = .026$ (ganhos sociais e materiais) e $r = .21$; $p = .002$ (apoio emocional). Os resultados revelam que quanto maior a transferência relativa ao componente de procura de proximidade, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sexuais, aos ganhos sociais e materiais e maior é a vulnerabilidade na relação.

O porto de abrigo correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .16$; $p = .018$ (ganhos sociais e materiais) e $r = .32$; $p < .000$ (apoio emocional). Os resultados revelam que quanto maior a transferência relativa ao porto de abrigo, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sociais e materiais e à vulnerabilidade na relação.

O protesto de separação correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .18$; $p = .007$ (ganhos sociais e materiais) e $r = .29$; $p < .000$ (ganhos emocionais). Os resultados revelam que quanto maior a transferência relativa ao protesto de separação, maior a importância dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sociais e materiais e à vulnerabilidade na relação.

A base segura correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .13$; $p = .048$ (ganhos sexuais) e $r = .30$; $p < .000$ (apoio emocional). Os resultados revelam que quanto maior a transferência relativa à base segura, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sociais e materiais e à vulnerabilidade na relação.

Os resultados apresentados nesta tabela 6, permitem constatar que o nível de transferência das funções de vinculação influencia de forma estatisticamente significativa, a maior parte das dimensões em estudo.

Tabela 7. Correlações entre Componentes e Restantes Dimensões nas Raparigas

	Procura de proximidade	Porto de abrigo	Protesto de separação	Base segura
Vinculação com os pais				
Relação com a mãe	-.35***	-.51***	-.37***	-.47***
Relação com o pai	-.32***	-.39***	-.36***	-.34***
Benefícios com as relações românticas				
Ganhos emocionais	.26**	.23**	.27***	.20*
Apoio emocional	.27***	.35***	.31***	.36***
Ganhos sexuais	.23**	.15	.13	.18*
Ganhos sociais e materiais	.29***	.27***	.28***	.29***
Perdas com as relações românticas				
Perdas pessoais	-.03	.06	.03	.01
Vulnerabilidade na relação	.22*	.30***	.21*	.29***
Perdas sociais	-.01	.06	.05	.04

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

No caso das raparigas, todos os componentes de transferência da vinculação se correlacionaram de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com a mãe e a relação com o pai com valores de correlação que variam entre $r = -.32$; $p < .000$ (procura proximidade; relação pai) e $r = -.51$; $p < .000$ (porto de abrigo; relação com a mãe). Os resultados mostram que, para as raparigas, quanto mais segura é a vinculação com os pais, menor é o índice de transferência dos componentes de vinculação para as figuras extra-familiares.

A procura de proximidade correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sexuais, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .22$; $p = .011$ (vulnerabilidade na relação) e $r = .29$; $p = .001$ (ganhos sociais e materiais). Os resultados revelam que, para as raparigas, quanto maior a transferência relativa à procura de procura de proximidade, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sexuais, aos ganhos sociais e materiais e à vulnerabilidade na relação.

O porto de abrigo correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .23$; $p = .008$ (ganhos emocionais) e $r = .35$; $p < .000$ (apoio emocional). Os resultados revelam que, para as raparigas, quanto maior a transferência relativa ao porto de abrigo, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sociais e materiais e maior e à vulnerabilidade na relação.

O protesto de separação correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .21$; $p = .016$ (vulnerabilidade na relação) e $r = .31$; $p < .000$ (apoio emocional). Os resultados revelam que, para as raparigas, quanto maior a transferência relativa ao protesto de separação estiver, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sociais e materiais e à vulnerabilidade na relação.

A base segura correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, o apoio emocional, os ganhos sociais e materiais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .18$; $p = .042$ (ganhos sexuais) e $r = .36$; $p < .000$ (apoio emocional). Os resultados revelam que, para as raparigas, quanto maior a transferência relativa à base segura, maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sociais e materiais e à vulnerabilidade na relação.

Tabela 8. Correlações entre Componentes e Restantes Dimensões nos Rapazes

	Procura de proximidade	Porto de abrigo	Protesto de separação	Base segura
--	---------------------------	--------------------	--------------------------	----------------

Vinculação com os pais				
Relação com a mãe	-.26*	-.20	-.16	-.24*
Relação com o pai	.03	-.06	.04	-.09
Benefícios com as relações românticas				
Ganhos emocionais	.19	.25*	.29**	.21
Apoio emocional	.10	.21*	.15	.20
Ganhos sexuais	.09	.07	-.03	.11
Ganhos sociais e materiais	.01	.05	.08	.07
Perdas com as relações românticas				
Perdas pessoais	-.25*	-.21	-.13	-.06
Vulnerabilidade na relação	.10	.11	.15	.19
Perdas sociais	.02	.12	.11	.16

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

No caso dos rapazes, a procura de proximidade correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com a mãe e as perdas pessoais, com valores de correlação de $r = -.26$; $p = .018$ e $r = -.25$; $p = .022$, respectivamente. Os resultados revelam que, para os rapazes, quanto maior a transferência relativa à procura de procura de proximidade, mais insegura é a vinculação com a mãe e maior é a importância dada às perdas pessoais.

O porto de abrigo correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, e o apoio emocional, com valores de correlação de $r = .25$; $p = .025$ e $r = .21$; $p = .050$, respectivamente. Os resultados revelam que, para os rapazes, quanto maior a transferência relativa ao porto de abrigo, maior importância é dada aos ganhos emocionais e ao apoio emocional.

O protesto de separação correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, com um valor de correlação de $r = .29$; $p = .007$. Os resultados revelam que, para os rapazes, quanto maior a transferência relativa ao protesto de separação, maior importantes é dada aos ganhos emocionais.

A base segura correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com a mãe, com um valor de correlação de $r = -.24$; $p = .030$. Os resultados revelam que, para os rapazes, quanto maior a transferência relativa à base segura, mais insegura é a vinculação com a mãe.

Para averiguar se existiam diferenças entre ter e não ter uma relação amorosa para as dimensões em estudo, foi realizada uma análise de variância, através do teste ANOVA. A Tabela 9 mostra os resultados obtidos.

Tabela 9. Diferenças entre Ter e Não Ter uma Relação Amorosa

	Nunca teve relação (N=32)		Não tem actualmente (N=105)		Tem relação actualmente (N=81)		F
	M	DP	M	DP	M	DP	
Transferência de							
componentes de vinculação							
Procura de proximidade	25.81	7.96	30.01	8.53	35.12	7.51	17.795***
Porto de abrigo	21.66	9.04	25.05	8.76	29.46	7.95	11.450***
Protesto de separação	23.56	10.98	27.91	10.16	31.65	9.25	8.148***
Base segura	25.78	10.29	29.05	9.69	34.19	8.47	11.642***
Vinculação com os pais							
Relação com a mãe	98.81	14.72	93.35	16.67	91.57	15.61	2.356
Relação com o pai	90.03	16.97	82.96	20.00	78.32	22.48	3.831*
Benefícios com as relações							
românticas							
Ganhos emocionais	37.31	6.20	37.37	7.11	39.64	6.06	3.043*
Apoio emocional	22.88	3.45	22.03	4.14	23.46	3.59	3.203*
Ganhos sexuais	6.47	3.70	7.88	3.23	9.53	3.25	11.375***
Ganhos sociais e	16.56	4.83	15.92	4.39	15.56	4.79	.557
materiais							
Perdas com as relações							
românticas							
Perdas pessoais	38.47	14.14	36.81	13.17	34.90	14.13	.898
Vulnerabilidade na	18.78	6.51	17.91	5.75	20.02	5.38	3.100*
relação							
Perdas sociais	15.09	5.13	13.90	4.49	14.77	4.72	1.192

* $p \leq .05$; *** $p \leq .001$.

Foram encontradas diferenças entre o estado relacional amoroso para as dimensões procura de proximidade com $F(2; 215) = 17.795$; $p < .000$, protesto de separação com $F(2; 215) = 8.148$; $p = .000$, porto de abrigo com $F(2; 215) = 11.450$; $p < .000$, base segura com $F(2; 215) = 11.642$; $p < .000$, relação com o pai com $F(2; 215) = 3.831$; $p = .023$, ganhos emocionais com $F(2; 215) = 3.043$; $p = .050$, apoio emocional com $F(2; 215) = 3.203$; $p = .043$, ganhos sexuais com $F(2; 215) = 11.375$; $p < .000$ e vulnerabilidade na relação com $F(2; 215) = 3.100$; $p = .047$. Os resultados mostram que os participantes que tinham uma relação romântica no momento da avaliação apresentaram valores superiores nas dimensões procura proximidade, protesto de separação, porto de abrigo, base segura, ganhos emocionais, apoio emocional, ganhos sexuais e vulnerabilidade na relação e os que nunca tinham tido uma relação tinham uma relação mais segura com o pai.

Para averiguar se existiam diferenças entre ter seleccionado namorado(a) ou melhor amigo(a) como figura de vinculação extra-familiar para as dimensões em estudo, foi realizada uma análise de diferenças de médias, através do teste t de Student. A Tabela 10 mostra os resultados obtidos.

Tabela 10. Diferenças entre Namorado ou Melhor Amigo como Figura de Vinculação

	Amigo(a)		Namorado(a)		T
	(N=157)		(N=61)		
	M	DP	M	DP	
Transferência de componentes de vinculação					
Procura da proximidade	29.29	8.58	36.44	6.61	-5.864***
Porto de abrigo	24.36	8.88	30.90	7.13	-5.145***
Protesto de separação	26.92	10.43	33.15	8.45	-4.160***
Base segura	28.49	9.78	35.59	7.84	-5.071***
Vinculação com os pais					
Relação com a mãe	94.34	16.22	91.30	15.74	1.256
Relação com o pai	83.20	20.17	79.90	22.46	1.049
Benefícios com as relações românticas					
Ganhos emocionais	37.29	6.83	40.57	5.64	-3.346***
Apoio emocional	22.17	4.00	24.00	3.23	-3.186**

Ganhos sexuais	7.66	3.43	9.89	3.01	-4.435***
Ganhos sociais e materiais	16.03	4.47	15.49	4.93	.778
Perdas com as relações românticas					
Perdas pessoais	37.26	13.74	33.98	13.31	1.595
Vulnerabilidade na relação	18.18	5.81	20.48	5.44	-2.660**
Perdas sociais	14.42	4.68	14.34	4.69	.108

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

Foram encontradas diferenças para as dimensões procura de proximidade com $t(216) = -5.864$; $p < .000$, porto de abrigo com $t(216) = -5.145$; $p < .000$, protesto de separação com $t(216) = -4.160$; $p = .000$, base segura com $t(216) = -5.564$; $p < .000$, ganhos emocionais com $t(216) = -3.346$; $p = .001$, apoio emocional com $t(216) = -3.186$; $p = .002$, ganhos sexuais com $t(216) = -4.435$; $p < .000$ e vulnerabilidade na relação com $t(216) = -2.660$; $p = .008$. Os resultados mostram que os participantes que escolheram o(a) namorado(a) como figura de vinculação extra-familiar apresentaram valores superiores nas dimensões procura proximidade, protesto de separação, porto de abrigo, base segura, ganhos emocionais, apoio emocional, ganhos sexuais e vulnerabilidade na relação comparativamente aos que mencionaram o(a) melhor amigo(a).

Para averiguar se existe relação entre a idade, duração do namoro e as restantes dimensões foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson, por se tratar de variáveis contínuas. A Tabela 11 mostra os resultados obtidos.

Tabela 11. Correlações entre Idade e Duração do Namoro e as Restantes Dimensões

	Idade	Duração do namoro
Idade		.45***
Transferência de componentes de vinculação		
Procura de proximidade	.24***	.05
Porto de abrigo	.31***	.10
Protesto de separação	.18**	-.07
Base segura	.33***	.03
Vinculação com os pais		

Relação com a mãe	-.08	.14
Relação com o pai	-.14*	.08
Benefícios com as relações românticas		
Ganhos emocionais	.05	-.08
Apoio emocional	.09	.09
Ganhos sexuais	.34***	.06
Ganhos sociais e materiais	-.01	-.05
Perdas com as relações românticas		
Perdas pessoais	.01	-.13
Vulnerabilidade na relação	.14*	-.08
Perdas sociais	.08	-.07

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

A idade correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com o pai com um valor de correlação de $r = -.14$; $p = .039$ e de forma positiva e estatisticamente significativa com todos os componentes de vinculação, com os ganhos sexuais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação que variam entre $r = .14$; $p = .044$ (vulnerabilidade na relação) e $r = .34$; $p < .000$ (ganhos sexuais). Os resultados mostram que quanto mais velhos os participantes eram, mais insegura era a vinculação com o pai, maior era a transferência dos componentes de procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação e base de segura para a figura de vinculação extra-familiar, e maior era a importância dada aos ganhos sexuais e à vulnerabilidade na relação.

Avaliou-se também a relação entre a idade e as funções de vinculação para ambos os sexos. Para as raparigas, a idade correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com o componente porto de abrigo, com um valor de correlação de $r = .18$; $p = .03$, enquanto para os rapazes a idade correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com todos os componentes de vinculação, com valores de correlação que variam entre $r = .35$; $p = .001$, $r = .42$; $p < .000$, $r = .32$; $p = .003$, $r = .49$; $p < .000$, para cada um dos componentes, respectivamente.

A duração do namoro correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a idade, com um valor de correlação $r = .45$; $p < .000$, sendo que quanto mais velhos eram os participantes, maior era a duração da relação actual.

Avaliando a relação entre a idade e os ganhos sexuais em separado para cada sexo, esta relação assume valores de correlação $r = .34$; $p < .000$ para as raparigas e $r = .37$; $p = .001$ para os rapazes, permitindo concluir para cada sexo, que quanto mais velhos eram os jovens, maior importância davam aos ganhos sexuais.

Para averiguar se existiam diferenças entre sexos para as dimensões em estudo, foi realizada uma análise de diferenças de médias, através do teste t de Student. A Tabela 12 mostra os resultados obtidos.

Tabela 12. Diferenças entre Sexos

	Feminino		Masculino		
	(N=134)		(N=84)		T
	M	DP	M	DP	
Transferência de componentes de vinculação					
Procura de proximidade	32.23	8.03	29.80	9.48	2.029*
Porto de abrigo	27.81	8.48	23.61	9.03	3.470***
Protesto de separação	29.54	9.64	27.26	11.15	1.601
Base segura	31.68	9.25	28.56	10.38	2.312*
Vinculação com os pais					
Relação com a mãe	92.13	17.24	95.65	13.96	-1.653
Relação com o pai	77.71	21.68	89.56	17.15	-4.476***
Benefícios com as relações românticas					
Ganhos emocionais	38.56	6.44	37.64	7.03	.988
Apoio emocional	23.19	3.58	21.88	4.22	2.444*
Ganhos sexuais	8.06	3.45	8.64	3.47	-1.212
Ganhos sociais e materiais	15.56	4.61	16.39	4.56	-1.305
Perdas com as relações românticas					
Perdas pessoais	37.31	14.23	34.81	12.65	1.315
Vulnerabilidade na relação	19.81	5.58	17.25	5.80	3.252***
Perdas sociais	14.04	4.45	14.96	4.98	-1.417

* $p \leq .05$; *** $p \leq .001$.

Foram encontradas diferenças entre os sexos para as dimensões procura de proximidade com $t(216) = 2.029$; $p = .044$, porto de abrigo com $t(216) = 3.470$; $p = .001$, base segura com $t(216) = 2.312$; $p = .022$, relação com o pai com $t(205) = -4.476$; $p < .000$, apoio emocional com $t(216) = 2.444$; $p = .015$ e vulnerabilidade na relação com $t(216) = 3.252$; $p = .001$. Os resultados mostram que as raparigas apresentam valores superiores nas dimensões procura proximidade, porto de abrigo, base segura, apoio emocional e vulnerabilidade na relação e os rapazes apresentam uma vinculação mais segura com o pai.

Para estudar as associações entre a segurança na relação de vinculação à mãe e ao pai e os ganhos/benefícios e perdas/riscos das relações românticas utilizou-se o coeficiente de Pearson, tendo-se analisado estas associações em toda a amostra, só nas raparigas e só nos rapazes. As Tabelas 13 a 15 apresentam os resultados obtidos.

Tabela 13. Correlações entre a segurança na relação aos pais e os ganhos e perdas nas relações românticas para totalidade da amostra

	Relação com a mãe	Relação com o pai
Benefícios com as relações românticas		
Ganhos emocionais	.08	-.01
Apoio emocional	.02	-.10
Ganhos sexuais	.03	-.10
Ganhos sociais e materiais	.00	-.03
Perdas com as relações românticas		
Perdas pessoais	-.11	-.14*
Vulnerabilidade na relação	-.26***	-.21**
Perdas sociais	-.08	-.05

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

A segurança na relação de vinculação à mãe correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a vulnerabilidade na relação, com um valor de correlação de $r = -.26$; $p < .000$. Os resultados revelam que quanto maior a segurança na relação de vinculação à mãe menos importância é dada à vulnerabilidade na relação.

A segurança na relação de vinculação ao pai correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com as perdas pessoais e com a vulnerabilidade na relação, com valores de $r = -.14$; $p = .041$ e $r = -.21$; $p = .002$, respectivamente. Os resultados revelam que

quanto maior a segurança na relação de vinculação ao pai, menos importância é dada às perdas pessoais e à vulnerabilidade na relação. O que provavelmente acontece porque a sensibilidade à vulnerabilidade na relação se relaciona com níveis mais elevados de transferência, que por sua vez se associam à vinculação mais insegura com os pais.

Tabela 16. Correlações entre a segurança na relação aos pais e os ganhos e perdas nas relações românticas para as raparigas

	Relação com a mãe	Relação com o pai
Benefícios com as relações românticas		
Ganhos emocionais	.01	-.05
Apoio emocional	-.15	-.13
Ganhos sexuais	-.04	-.09
Ganhos sociais e materiais	-.09	-.11
Perdas com as relações românticas		
Perdas pessoais	-.10	-.11
Vulnerabilidade na relação	-.27**	-.20*
Perdas sociais	-.11	-.13

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

A segurança na relação de vinculação à mãe e ao pai correlacionou-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a vulnerabilidade na relação, com valores de correlação de $r = -.27$; $p = .002$ e $r = -.20$; $p = .02$. Os resultados revelam que, para as raparigas, quanto maior a segurança na relação de vinculação à mãe e ao pai, menor importância é dada à vulnerabilidade na relação.

Tabela 15. Correlações entre a segurança na relação aos pais e os ganhos e perdas nas relações românticas para os rapazes

	Relação com a mãe	Relação com o pai
Benefícios com as relações românticas		
Ganhos emocionais	.23*	.11
Apoio emocional	.37***	.07
Ganhos sexuais	.14	-.17
Ganhos sociais e materiais	.15	.05

Perdas com as relações românticas

Perdas pessoais	-.12	-.14
Vulnerabilidade na relação	-.20	-.10
Perdas sociais	-.06	.01

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

A segurança na relação de vinculação à mãe correlacionou-se de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais e com o apoio emocional, com valores de correlação de $r = .23$; $p = .034$ e $r = .37$; $p = .001$. Os resultados revelam que, para os rapazes, quanto maior a segurança na relação de vinculação à mãe, maior importância é dada aos ganhos emocionais e ao apoio emocional.

Com o intuito de analisar para diferentes grupos etários, se existe relação entre os componentes de vinculação e as restantes dimensões, utilizou-se o coeficiente de Pearson. As tabelas 16 e 17 apresentam os resultados obtidos.

Tabela 16. Correlações entre os componentes de vinculação e as restantes dimensões para os sujeitos mais novos (≤ 15 anos)

	Procura de proximidade	Porto de abrigo	Protesto de separação	Base segura
Vinculação com os pais				
Relação com a mãe	-.37***	-.47***	-.36***	-.43***
Relação com o pai	-.34***	-.44***	-.35***	-.37***
Benefícios com as relações românticas				
Ganhos emocionais	.23**	.26**	.29***	.27**
Apoio emocional	.24**	.36***	.31***	.37***
Ganhos sexuais	.13	.04	.01	.08
Ganhos sociais e materiais	.13	.15	.17	.20*
Perdas com as relações românticas				
Perdas pessoais	-.06	-.04	.07	.12
Vulnerabilidade na relação	.19*	.29***	.27**	.33***
Perdas sociais	-.04	.06	.08	.10

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

Todos os componentes de vinculação correlacionaram-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com a mãe e com o pai, com valores de correlação que variam entre $r = -.47$; $p < .000$ (porto de abrigo; relação com a mãe) e $r = -.34$; $p = -.34$ (procura de proximidade; relação com o pai). Os resultados mostram que, para os adolescentes mais novos, quanto maior a transferência dos componentes de vinculação dos pais para as figuras extra-familiares (pares e parceiro romântico), mais insegura é a relação de vinculação com os pais.

Os componentes de vinculação correlacionaram-se também de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, com o apoio emocional e com a vulnerabilidade na relação, com valores que variam entre $r = .19$; $p = .029$ (procura de proximidade; vulnerabilidade na relação) e $r = .37$; $p < .000$ (base segura; apoio emocional). Os resultados mostram que, para os adolescentes mais novos, quanto maior a transferência dos componentes de vinculação dos pais para as figuras extra-familiares (pares e parceiro romântico), maior importância é dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional e à vulnerabilidade na relação.

Os ganhos sociais e materiais correlacionaram-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a base segura, com um resultado de $r = .20$; $p = .022$. Os resultados mostram que, para os adolescentes mais novos, quanto maior a importância dada aos ganhos sociais e materiais, mais transferem o componente base segura dos pais para as figuras extra-familiares (pares e parceiro romântico). Estes resultados poderão estar relacionados com uma insegurança na relação, dos adolescentes mais novos, com os pais, o que poderá contribuir para que estes transfiram precocemente as funções finais de vinculação para os pares e/ou parceiro romântico e por isso atribuam maior importância aos ganhos que os beneficiem a si mesmos, nomeadamente, ganhos sociais e materiais.

Avaliou-se também a relação entre as funções de vinculação e as restantes dimensões, para os adolescentes mais novos (≤ 15 anos), em ambos os sexos. Para as raparigas, os componentes de vinculação correlacionaram-se de forma negativa e estatisticamente significativa com a relação com os pais, com valores que variam entre $r = -.42$; $p < .000$ (procura de proximidade; relação com a mãe) e $r = -.60$; $p < .000$ (porto de abrigo; relação com a mãe). Correlacionaram-se também de forma positiva e estatisticamente significativa com os ganhos emocionais, com o apoio emocional, com os ganhos materiais e sociais e com a vulnerabilidade na relação, com valores que variam entre $r = .24$; $p = .04$ (porto de abrigo; ganhos emocionais) e $r = .50$; $p < .000$ (base segura; apoio emocional). Os resultados mostram que, para as raparigas mais novas, quanto maior a transferência dos componentes de

vinculação dos pais para as figuras extra-familiares (pais e parceiro romântico), mais insegura é a relação de vinculação com os pais, e maior é a importância dada aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos materiais e sociais e à vulnerabilidade na relação. Os ganhos sexuais correlacionaram-se de forma positiva e estatisticamente significativa com a procura de proximidade e com a base segura, com valores de $r = .28$; $p = .016$ e de $r = .28$; $p = .015$, respectivamente. Os resultados mostram que, para as raparigas mais novas, quanto maior a transferência dos componentes procura de proximidade e base segura, maior é a importância dada aos ganhos sexuais.

Tabela 17. Correlações entre os componentes de vinculação e as restantes dimensões para os sujeitos mais velhos (≥ 16 anos)

	Procura de proximidade	Porto de abrigo	Protesto de separação	Base segura
Vinculação com os pais				
Relação com a mãe	-.22*	-.29**	-.16	-.28**
Relação com o pai	.02	-.07	-.02	-.10
Benefícios com as relações românticas				
Ganhos emocionais	.26*	.26*	.30**	.14
Apoio emocional	.10	.22*	.11	.14
Ganhos sexuais	.13	.07	.08	.12
Ganhos sociais e materiais	.20	.20	.21*	.17
Perdas com as relações românticas				
Perdas pessoais	-.21	-.18	-.24*	-.27*
Vulnerabilidade na relação	.16	.14	.04	.11
Perdas sociais	.02	.02	.03	-.01

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$; *** $p \leq .001$.

Os resultados demonstram que, comparativamente aos adolescentes mais novos, para os adolescentes mais velhos (≥ 16 anos), verificam-se apenas correlações negativas e estatisticamente significativas entre a transferência dos componentes de vinculação dos principais prestadores de cuidados para as figuras extra-familiares e a segurança na vinculação à mãe, estando estas muito diminuídas. Desaparecendo, neste grupo etário, as correlações negativas entre a transferência dos componentes de vinculação e a segurança na relação de vinculação ao pai. Estes resultados mostram que a segurança na relação de

vinculação aos pais protege de uma transferência demasiado precoce, mas não limita essa transferência em idades mais avançadas.

Quanto às correlações entre a transferência dos componentes de vinculação dos pais para as figuras extra-familiares e os ganhos/benefícios das relações amorosas, constata-se que a correlação positiva e estatisticamente significativa entre o índice de transferência e os ganhos emocionais se encontra diminuída, e quase inexistente no que concerne ao apoio emocional. Já os ganhos sociais e materiais apresentam, neste grupo, uma correlação positiva com o componente protesto de separação. Estes resultados mostram que em idades mais avançadas, em que as relações com as figuras extra-familiares são mais passíveis de se tornar relações de vinculação completas, caracterizadas por uma maior segurança e estabilidade, os adolescentes deixam de atribuir tanta importância aos ganhos/benefícios de natureza emocional, e mantêm a correlação positiva com um dos componentes de vinculação finais. No que concerne às correlações entre a transferência dos componentes de vinculação e as perdas/riscos das relações amorosas, os resultados mostram que, em idades mais avançadas, as correlações positivas que existiam entre a transferência dos componentes de vinculação e a vulnerabilidade na relação desapareceram, tendo surgido uma correlação negativa e estatisticamente significativa entre a transferência dos componentes finais de vinculação (protesto de separação e base segura) e as perdas pessoais. Estes resultados mostram que os adolescentes mais velhos, ao se encontrarem em relações mais estáveis com as figuras extra-familiares (pares e parceiro romântico), deixam de ser sensíveis à vulnerabilidade na relação e o investimento em relações de vinculação completas leva-os a preocuparem-se menos com as perdas pessoais que possam ocorrer.

4. Conclusão e Discussão

A presente investigação tinha por objectivo tentar perceber se a segurança na relação de vinculação à mãe e ao pai exercia influência sobre os ganhos/benefícios e perdas/riscos percebidos pelos adolescentes como de maior importância para a iniciação e/ou manutenção de relações românticas. Tendo em atenção o comportamento de cada um dos sexos, das diferentes faixas etárias e do estatuto relacional dos participantes. Quis-se também verificar, se as dinâmicas de transferência das funções de vinculação dos pais para os pares ocorrem ao longo do tempo, num processo componente a componente, pela ordem proposta. Visando a influência dos sexos, das diferentes faixas etárias e do estatuto relacional dos participantes. Pretendeu-se ainda apurar se o estilo de vinculação ao pai e à mãe

desempenhava algum tipo de influência sobre a transferência dos componentes iniciais e finais, respectivamente, verificando-se também o comportamento dos diferentes sexos e faixas etárias.

Verificou-se que, tal como propuseram Hazan e Zeifman (1994), a transferência das funções de vinculação das principais figuras de vinculação da infância para as figuras extra-familiares da adolescência, nomeadamente pares e parceiro romântico, ocorre ao longo do tempo num processo passo a passo, sendo que os adolescentes mais velhos transferiram mais que os mais novos, excepto para o componente protesto de separação que parece ser menos transferido entre os adolescentes mais velhos. Estes últimos são os que mais transferem o componente base segura, um dos marcadores de uma completa relação de vinculação. Os adolescentes mais novos preferiram os pares para a satisfação da função procura de proximidade (55.80%) e os pais para a satisfação das restantes funções de vinculação, tal como proposto por Hazan e Zeifman (1994) e verificado nos estudos de Fraley e Davis (1997) e de Friedlmeier e Granqvist (2006). No caso das raparigas, a idade apenas influencia a transferência do componente porto de abrigo, enquanto para os rapazes a idade influencia a transferência de todos os componentes de vinculação, demonstrando assim, que para os rapazes, ao contrário das raparigas, a idade é um factor importante na transferência das funções de vinculação, tal como ocorreu no estudo de Calado (2008).

A ordem de transferência dos componentes de vinculação não ocorreu segundo o proposto por Hazan e Zeifman (1994): procura de proximidade, porto de abrigo, protesto de separação, base segura. A procura de proximidade foi o primeiro componente a ser transferido (68.8%), seguindo-se a base segura (62.4%), o porto de abrigo (61.0%) e por último o protesto de separação (54.6%), ordem muito semelhante à que se verificou no estudo de Calado (2008), estando o porto de abrigo e a base segura em ordem inversa ao desse estudo. Contudo, a percentagem de transferência do porto de abrigo e da base segura são muito próximos, tal como ocorreu no estudo de Calado (2008), em que 70% dos participantes transferiram o componente porto de abrigo e 66% transferiram o componente base segura.

Quanto aos adolescentes envolvidos num relacionamento romântico, verificou-se uma maior transferência das funções de vinculação, comparativamente aos que não se encontram envolvidos num relacionamento romântico, o que reforça o constatado nos estudos de Hazan e Zeifman (1994), Fraley e Davis (1997) e de Friedlmeier e Granqvist (2006). Segundo estes estudos, as características excepcionais duma relação romântica tornam-na passível de se tornar uma relação de vinculação completa, o que consequentemente contribui para que os

parceiros românticos se tornem os principais alvos de transferência das funções de vinculação, anteriormente direccionadas para as principais figuras de vinculação da infância.

No que concerne à segurança na relação de vinculação à mãe e ao pai, verificou-se uma influência negativa sobre a transferência de todas as funções de vinculação para a totalidade da amostra, ou seja, quanto mais segura é a relação de vinculação aos pais, menos os adolescentes transferem as funções de vinculação para os pares e/ou parceiros românticos. Isto verifica-se no caso das raparigas, mas não no dos rapazes. Nestes apenas a relação de vinculação à mãe influencia, de forma negativa, a transferência dos componentes procura de proximidade e base segura, isto é, quanto mais segura a relação à mãe, menos transferem esses componentes. Não corroborando assim a hipótese colocada relativa à influência da segurança da relação de vinculação aos pais e às mães, na transferência dos componentes de vinculação iniciais e finais, respectivamente, como já se verificara no estudo de Calado (2008). Estes resultados vêm reforçar a ideia exposta por Friedlmeier e Granqvist (2006), segundo a qual, vinculações inseguras às principais figuras de vinculação da infância, em especial à mãe, contribuem para a transferência precoce das funções vinculatórias para os pares e parceiros românticos, podendo contribuir para o desenvolvimento de diversas problemáticas, nomeadamente, envolvimento íntimo precoce e desajustamento emocional. Assim, será característico de uma relação de vinculação segura aos progenitores, uma transferência tardia das funções de vinculação para as figuras extra-familiares. As correlações efectuadas para diferentes grupos etários, permitiram constatar que uma maior transferência dos componentes de vinculação para os pares e/ou parceiro romântico, apenas contribui para uma relação de vinculação insegura com os progenitores, no caso do adolescentes mais novos (≤ 15 anos). Ou seja, a segurança na relação de vinculação aos pais protege-os de uma transferência demasiado precoce dos componentes. No caso dos adolescentes mais velhos (≥ 16 anos) a segurança na relação de vinculação aos pais contribui para uma maior transferência dos componentes de vinculação para os pares e/ou parceiro romântico.

Relativamente aos ganhos/benefícios e perdas/riscos considerados pelos adolescentes como mais ou menos importantes, constatou-se que as raparigas atribuem maior importância ao apoio emocional e à vulnerabilidade na relação, comparativamente aos rapazes, o que não corrobora o proposto pela literatura. Segundo Sedikides et al. (1994) as mulheres tendem a nomear ganhos como a intimidade, a auto-estima, o auto-crescimento e a auto-compreensão, e perdas como a perda de identidade e de inocência acerca das relações e do amor.

Os jovens envolvidos em relações românticas demonstraram atribuir maior importância aos ganhos emocionais, ao apoio emocional, aos ganhos sexuais e à

vulnerabilidade na relação. De facto, segundo a literatura, o envolvimento em relações românticas na adolescência contribuem para padrões excepcionais de trocas, em que ambos os participantes na relação empenham-se em adquirir/manter ganhos que beneficiem a relação e satisfaçam as necessidades de ambos (ganhos emocionais e apoio emocional e ganhos sexuais), e em evitar custos que poderiam prejudicar as interconexões, daí darem maior importância à vulnerabilidade na relação, pois ao estarem intimamente envolvidos com o parceiro e partilharem com este os ganhos adquiridos, manifestam um maior receio em tornar-se vulneráveis (Laursen, 1996; Laursen & Jensen-Campbell, 1999). Nomeadamente no que se refere aos ganhos sexuais, verificou-se que estes são os únicos a ser influenciados pela idade, sendo que quanto mais velhos os adolescentes, maior importância dão a estes. O que faz todo o sentido, tendo em conta a natureza sexual exclusiva das relações românticas e o papel normativo desta no desenvolvimento indivíduo (Allen, 2008; Soares, 2009).

Contrariamente ao que se tinha proposto, constatou-se que para a totalidade da amostra a relação de vinculação ao pai e à mãe, não desempenha qualquer influência sobre os ganhos/benefícios nomeados pelos adolescentes. Verificando-se apenas uma influência negativamente significativa da relação com a mãe sobre a vulnerabilidade na relação, e da relação com o pai sobre as perdas pessoais e a vulnerabilidade na relação. No caso das raparigas, apenas a vulnerabilidade da relação é negativamente influenciada pela segurança na relação a ambos os progenitores. Já no caso dos rapazes, apenas a relação com a mãe influencia positivamente os ganhos/benefícios nomeados pelos adolescentes, os ganhos emocionais e o apoio emocional. O que leva a pensar que a segurança na vinculação a ambos os progenitores é importante para as raparigas, no sentido de se sentirem mais seguras e portanto menos vulneráveis na relação, e no caso dos rapazes, apenas a segurança na vinculação à mãe contribui para que dêem maior importância às questões de índole emocional, o que reforça a grande importância dada da relação de vinculação à mãe.

Por último, para os ganhos/benefícios e perdas/riscos, verificou-se a existência de correlações positivas com todos os componentes, no caso dos ganhos emocionais, apoio emocional, ganhos sociais e materiais, e vulnerabilidade na relação. Os ganhos sexuais apenas se correlacionam com a procura de proximidade e com a base segura. Estes resultados ocorrem tanto para a totalidade da amostra como para as raparigas. Para os rapazes, a procura de proximidade correlaciona-se negativamente com as perdas pessoais, o porto de abrigo correlaciona-se positivamente com os ganhos emocionais e com o apoio emocional e o protesto de separação correlaciona-se positivamente com os ganhos emocionais. Quanto às diferenças entre grupos etários, os adolescentes mais velhos (≥ 16 anos), comparativamente

aos mais novos (≤ 15 anos), atribuem menos importância aos ganhos/benefícios de índole emocional, do que os mais novos, o que se deverá ao facto dos primeiros se encontrarem numa fase mais avançada do desenvolvimento e possuírem relações extra-familiares passíveis de se tornar completas relações de vinculação. No caso das perdas/riscos das relações românticas, os adolescentes em idades mais avançadas, deixam de atribuir qualquer importância à vulnerabilidade na relação e preocupam-se menos com as perdas pessoais. O que poderá dever-se ao facto de se encontrarem numa fase mais avançada do desenvolvimento e possuírem relações mais estáveis e de maior confiança com as figuras extra-familiares (pares e parceiro romântico), nos quais investem cada vez mais, não tendo razões para se sentirem vulneráveis, nem para se preocuparem com possíveis perdas pessoais.

Os resultados obtidos deverão, no entanto, ser interpretados com alguma precaução, devido ao reduzido número de adolescentes mais velhos e jovens adultos (14.7%), o que faz com que a informação sobre esta faixa etária não possa ser prudentemente generalizada para a população portuguesa. Quanto ao instrumento de avaliação do índice de transferência dos componentes de vinculação (QITCV), seria importante que em futuras investigações se efectua-se uma reformulação do texto informativo inicial, visto ter causado muitas dúvidas entre os participantes, que não compreendiam o intuito do mesmo. Bem como a adaptação para adolescentes, do instrumento de avaliação dos ganhos/benefícios e perdas/riscos percebidos pelos adolescentes nas relações românticas (QR), que foi utilizado pela primeira vez nesta investigação. Esta necessidade de adaptação advém do facto de algumas das questões não terem sido bem compreendidas, em especial, pelos adolescentes mais novos, por não se enquadrarem com o seu estágio de desenvolvimento, nomeadamente as questões respeitantes ao envolvimento sexual, que apenas surge numa fase mais tardia da adolescência.

Apesar das limitações apontadas, esta investigação foi útil, no sentido em que vem trazer um maior conhecimento sobre a percepção dos adolescentes relativamente às relações românticas e sobre a influência que a relação destes com as principais figuras de vinculação da infância tem sobre o que os motiva a iniciar ou manter relações românticas, informação que pouco se encontra na literatura. Centrando-se esta essencialmente na influência da relação com os progenitores, na qualidade das relações futuras, com as figuras extra-familiares. Uma outra utilidade deste estudo prende-se com a aquisição de mais informação sobre a população adolescente da Região Autónoma da Madeira.

O facto de não se ter verificado qualquer influência do nível sócio-económico e da zona habitacional dos participantes na investigação, pode ser tido como uma mais-valia para esta investigação.

No que concerne às implicações deste estudo para a intervenção terapêutica, os resultados demonstram que se deverá dar uma crescente importância à participação de ambos os progenitores ou seus substitutos ao longo de todo o processo terapêutico, investindo na manutenção de uma relação saudável entre estes e o adolescente, tendo em conta a importância que esta terá no desenvolvimento de relações futuras. Seria também importante que investigações futuras se dedicassem ao estudo das relações românticas precoces, que estando associadas a uma vinculação insegura aos principais prestadores de cuidados, poderão também estar relacionadas com outros factores de risco.

5. Referências Bibliográficas

Ainsworth, M.D.S., & Bowlby, J. (1992). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46, 333-341.

Allen, J. P. (2008). The attachment system in adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp.419-435). New York: The Guilford Press.

Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The Inventory of Parent and Peer Attachment: Individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16, 427-454.

Belsky, J., Steinberg, L., & Draper, P. (1991). Childhood experience, interpersonal development and reproductive strategy: An evolutionary theory of socialization. *Child Development*, 62, 647-670.

Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo* (A. Cabral, trad.). São Paulo, Brasil: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1969)

Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28, 759-775.

Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp. 102-127). New York: The Guilford Press.

Brown, G. L., McBride, B. A., Shin, N., & Bost, K. K. (2007). Parenting predictors of father-child attachment security: Interactive effects of father involvement and fathering quality. *Fathering*, 5, 197-219.

Calado, F. A. C. R. (2008). *O Papel da vinculação ao pai e à mãe na transferência dos componentes de vinculação da adolescência*. Tese de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Cassidy, J. (2008). The nature of child's ties. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-22). New York: The Guilford Press.

Clarke-Stewart, K. A. (1978). And daddy makes three: The father's impact on mother and young child. *Child Development*, 49, 466-478.

Collins, W. A., Welsh, D. P., Furman, W. (2009). Adolescent romantic relationships. *Annual Review of Psychology*, 60, 631-652.

Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal Relationships*, 4, 131-144.

Freeman, H., & Brown, B. B. (2001). Primary attachment to parents and peers during adolescence: Differences by attachment style. *Journal of Youth and Adolescence*, 30, 653-674.

Friedlmeier, W., & Granqvist, P. (2006). Attachment transfer among Swedish and German adolescents: A prospective longitudinal study. *Personal Relationships*, 13, 261-279.

Furman, W., & Simon, V. A. (1999). Cognitive representations of adolescent romantic relationships. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 75-98). Cambridge: Cambridge University Press.

Furman, W., & Wehner, E. A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. *Child Development*, 78, 21-36.

Gray, M. R., & Steinberg, L. (1999). Adolescent romance and the parent-child relationship: A contextual perspective. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 235-265). Cambridge: Cambridge University Press.

Grossman, K., Grossman, K. E., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Schenerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Fathers' sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social Development*, 11, 307-331.

Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (pp. 151-177). London: Jessica Kingsley.

Howes, C., & Spieker, S. (2008). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 317-332). New York: The Guilford Press.

Lamb, M. E., Frodi, M., Hwang, C. P., & Frodi, A. M. (1983). Effects of parental involvement on infant preferences for mothers and fathers. *Child Development*, 54, 450-458.

Mandara, J., & Murray, C. B. (2006). Father's absence and African American adolescent drug use. *Journal of Divorce & Remarriage*, 46, 1-12.

Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A. B., & Haggart, N. (2006). Developmental differences in adolescents' and young adults' use of mothers, fathers, best friend, and romantic partners to fulfill attachment needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(1), 127-140.

Matos, P. M. (2006). Relações românticas em adolescentes. *Psychologia*, 41, 9-24.

Matos, P. M., & Costa, M. E. (2006). Vinculação aos pais e ao par romântico em adolescentes. *Psicologia: Contributos da Investigação para o Estudo da Vinculação*, 20, 97-125.

Meeus, W. H. J., Branje, S. J. T., Valk, I., & Wied, M. (2007). Relationships with intimate partner, best friend, and parents in adolescence and early adulthood: A study of the saliency of the intimate partnership. *International Journal Of Behavioral Development*, 31, 569-580.

Miller, B. C., & Benson, B. (1999). Romantic and sexual relationships development during adolescence. In W. Furman, B. Brown & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 99-121). Cambridge: Cambridge University Press.

Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47, 193-219.

Soares, I. (2009). *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.

Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Tamis-LeMonda, C. S. (2004). Conceptualizing fathers' roles: Playmates and more. *Human Development*, 47, 220-227.

Zeifman, D., & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Reevaluating the evidence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 436-455). New York: Guilford Press.